



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA**

**JOCIANO BARBOSA ARAUJO**

**VIOLÊNCIA ESCOLAR: Um Breve Estudo de Casos na E.M.E.F Martins  
Monteiro Zona Rural do Município de Novo Repartimento/PA**

**Novo Repartimento/PA**

**2018**

**JOCIANO BARBOSA ARAUJO**

**VIOLENCIA ESCOLAR: Um Breve Estudo De Caso Na E.M.E.F Martins Monteiro  
Zona Rural Do Município De Novo Repartimento/PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal do Pará – UFPA como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia. Orientado pela Profª Esp. Thereza de Fatima Bussioli.

Novo Repartimento/PA  
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

B238v      Barbosa Araújo, Jociano  
              Violência Escolar: Um breve estudo de caso na EMEF Martins Monteiro, zona rural do  
              município de Novo Repartimento/PA / Jociano Barbosa Araújo. — 2018  
              62 f. : il. color

              Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Educação, Campus  
              Universitário de Altamira, Universidade Federal do Pará, Altamira, 2018.  
              Orientação: Prof. Tereza de Fátima Bussioli

              1. Combater. 2. Estudo. 3. Ensino. 4. Violência Escolar. I. de Fátima Bussioli, Tereza, *orient.* II.  
              Título

---

CDD 370

**JOCIANO BARBOSA ARAUJO**

**VIOLENCIA ESCOLAR: UM BREVE ESTUDO DE CASOS NA E.M.E.F MARTINS  
MONTEIRO ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE NOVO REPARTIMENTO/PA**

APROVADO EM: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA:

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Esp. Thereza de Fatima Bussioli  
Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Darwin

---

MEMBRO: Prof. Dr. Renato Pinheiro da Costa

---

MEMBRO: Prof. Dr. Luiz Carlos Souza Bezerra

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho em especial a minha mãe, meus irmãos e minha esposa que sempre estiveram ao meu lado dando-me força e coragem para que eu concluísse este curso.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por te me dado forças e iluminado meu caminho para pudesse concluir mais uma etapa de minha vida profissional.

Ao meu padrasto, por todo carinho e dedicação que sempre teve comigo, meu eterno agradecimento pelos momentos em que estive ao meu lado, me apoiando e me fazendo acreditar que nada é impossível, pessoa que sigo como exemplo, amigo, companheiro, trabalhador e honesto e que me apoiou na realização deste sonho.

A minha mãe, por se tão dedicada e amiga, por ser umas das pessoas que me apoiaram e que sempre acreditou na minha capacidade meu eterno agradecimento pelas horas que passou ao meu lado me incentivando.

A minha esposa Luciele que sempre esteve ao meu lado não me deixando desistir e me mostrando que sou capaz de chegar onde desejo, sem dúvida foi quem mais me deu o maior incentivo para concluir esse curso.

Ao meu irmão e minha irmã que sempre me ajudaram nas horas difíceis, pelo carinho e atenção que sempre tiveram comigo.

Aos meus amigos que fiz durante essa grande caminhada de curso, por todos os momentos alegres e tristes que passamos juntos durante esses quatro anos de curso meu especial agradecimento.

A minha orientadora, Thereza Fatima Bussioli, pelos ensinamentos e dedicação que sempre teve comigo e também pelas horas que me atendeu nas suas horas de folga.

A todos os professores do curso de pedagogia pela paciência, dedicação e ensinamentos disponibilizados nas salas de aulas, cada um de forma especial que contribuiu para trabalho e para minha formação profissional; por fim, gostaria de agradecer aos meus amigos e familiares que contribuíram direto ou indiretamente na conclusão deste curso. Meu eterno agradecimento, sem vocês essa caminhada não seria tão prazerosa.

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo fazer um estudo de caso sobre violência escolar na Escola Municipal de Ensino Fundamental Martins Monteiro localizada na Zona Rural do município de Novo Repartimento-PA. Tratou-se de um estudo investigativo, pois buscou descrever com clareza as relações que contribuem para essa problemática e ao mesmo tempo averiguar as práticas tomadas por professores e direção que visam combater a violência no ambiente de ensino. A pesquisa foi realizada nessa escola e os sujeitos pesquisados foram ao todo 28 pessoas, sendo, sendo 7 professores e 21 alunos de uma turma multisseriado de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental. O método utilizado foi descritivo qualitativo, a partir de questionários com perguntas objetivas abertas e fechadas. Verificou-se que assim como os professores pesquisados apresentam inúmeras dificuldades para prevenir bem como combater a violência escolar, os alunos também sentem grandes dificuldades por causa da mesma em virtude de serem geralmente as vítimas e ao mesmo tempo os causadores dessa problemática. Diante disso, faz-se necessário um repensar na maneira de como as escolas e seus profissionais tem tratado sobre a violência escolar, portanto é preciso fazer parcerias que envolvam órgãos de segurança como conselho tutelar, juizado da infância, vara criminal e toda a comunidade escolar. O processo de prevenção e de combate à violência escolar pode até parecer demorado, mas é preciso, pois como já vimos interfere diretamente no processo ensino aprendizagem dos alunos.

**Palavras Chaves:** Combater, Estudo, Ensino, Violência Escolar.

## **ABSTRACT**

This study aimed to make a case study on school violence in the Martins Monteiro Municipal Elementary School located in the Rural District of the municipality of Novo Repartimento-PA. It was an investigative study, because it sought to describe clearly the relationships that contribute to this problem and at the same time to investigate the practices taken by teachers and management that aim to combat violence in the teaching environment. The research was carried out in this school and the subjects surveyed were in the whole 28 people, being, being 7 teachers and 21 students of a multisseriado class of 8<sup>o</sup> and 9<sup>o</sup> of Elementary School. The method used was descriptive qualitative, from questionnaires with open and closed objective questions. It was verified that, just as the teachers studied present numerous difficulties to prevent as well as to combat school violence, students also experience great difficulties because of their being generally the victims and at the same time the cause of this problem. Faced with this, it is necessary to rethink the way schools and their professionals have dealt with school violence, so it is necessary to create partnerships involving security organs such as guardianship council, juvenile court, criminal court and the entire school community. The process of preventing and combating school violence may seem time-consuming, but it is necessary, as we have already seen, interferes directly in the process of teaching students' learning.

**Key Words:** Combat, Study, Teaching, School Violence.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 01 – Tempo de serviço do professor.....	35
Gráfico 02 – Formação dos professores.....	36
Tabela 01 – Qual a sua opinião sobre violência?.....	37
Tabela 02 – Quais os fatores que contribuem para a violência escolar?.....	38
Tabela 03 – Qual foi a sua atitude ao presenciar um ato de violência?.....	40
Tabela 04 – De que forma a violência interfere na aprendizagem?.....	42
Gráfico 03 – Faixa etária dos alunos.....	43
Gráfico 04 – Tipos de violência que já sofreram na escola.....	43
Tabela 05 – Qual foi a sua atitude quando sofreu violência na escolar?.....	45
Tabela 06 – Providencias tomada pela escola sobre a ocorrência de violência escolar.....	47
Tabela 07 – Opinião dos alunos sobre o que fazer para combater a violência escolar.....	48

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPITULO I.....	11
1.1 Conceitos sobre a Violência .....	11
1.2 Entendendo algumas formas de violência .....	14
1.2.1 Violência Física .....	14
1.2.2 Violência Intrafamiliar .....	16
1.2.3 Violência Moral.....	18
1.2.4 Violência Patrimonial.....	20
1.2.5 Violência Psicológica.....	22
CAPITULO II .....	24
2.1 Violência dentro do espaço escolar.....	24
2.2 O papel do professor frente à violência escolar.....	27
2.3 O papel da família frente à violência escolar .....	30
CAPITULO III .....	33
3.1 TIPO DE PESQUISA .....	33
3.2 CENÁRIO.....	33
3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	34
3.4 COLETA DE DADOS.....	34
3.5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	35
3.5.1 CATEGORIA PROFESSOR.....	35
3.5.2 CATEGORIA ALUNOS .....	42
3.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	52
REFERÊNCIAS .....	54
ANEXOS .....	58
Anexo 1 - Questionário para o professor.....	59
Anexo 2 - Questionário para o aluno .....	61

## INTRODUÇÃO

Na sociedade atual a violência tem sido um dos fatores mais preocupantes, pois tem atingido a vida e a integridade de milhares de pessoas no mundo inteiro. E quando focamos na violência escolar, têm-se ainda muitos mais motivos para se deliberar sobre os atentados diretos contra a vida de indivíduos que correm perigo mediante a ação de outros.

No Brasil são incontáveis relatos de todos os tipos de violência – legal, criminosa, física e simbólica. Tal conjectura tem reflexos significativos nas paisagens dos lugares. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em seu Atlas da Violência (2016), o estado do Pará apresentou crescimento de 126,5% no número de homicídios entre os anos de 2004 a 2014. Para Chauí (2013, p.257) a sociedade brasileira é historicamente violenta em função da sua formação sobre as bases do autoritarismo.

É perceptível que o ensino ainda apresenta inúmeras dificuldades de aprendizagem principalmente nas escolas públicas. Tal contexto pode ser observado na fala de Costa e Magalhães (2011) onde relatam que através de uma pesquisa realizada pelo Programa de Avaliação Internacional de Estudantes (PISA) no ano de 2004, que indicava que 2% da população eram analfabetas em números, ou seja, incapaz de realizar qualquer tipo de operação numérica. Em 2006, no resultado do PISA, aplicado a 400 mil estudantes de 15 anos em 57 países, o Brasil ficou em 54º lugar, mostrando a situação preocupante da educação em matemática no país.

Esse resultado pode ser explicado por diversos fatores, entre os quais pode está ligado aos problemas causados pela violência escolar, que na maioria das vezes tende a criar uma barreira, fazendo com que muitos alunos não compreendam até mesmo o mais simples dos conteúdos.

A escolha de estudar esta temática se justifica, uma vez que a sociedade, sem exceção de classe social, contém de alguma forma seu cotidiano permeado pela violência ou pelo medo da mesma. O município de Novo Repartimento não foge à realidade nacional, fato este observado em diversos relatos de alguns professores do município. Existe uma carência muito grande no que diz respeito a formações voltadas para a problemática violência escolar, sobretudo de propostas inovadoras

que venham somar e garantir um ensino minimamente satisfatório no quesito aprendizagem.

Desse modo, diante da realidade local, torna-se oportuno a realização de pesquisas com professores e alunos da rede pública municipal de ensino do município de Novo Repartimento no Estado do Pará.

Esta pesquisa tem como problemática a violência escolar na Escola Municipal de Ensino Fundamental Martins Monteiro localizada na Zona Rural do município de Novo Repartimento-PA, serão envolvidos professores e alunos de uma turma de multisseriada do 8º e 9º ano do ensino fundamental. Sendo assim, o objetivo geral é analisar a presença de sinal de violência escolar, seus impactos negativos no processo ensino aprendizagem e quais ações vêm sendo executadas com intuito de prever e combater a violência escolar nesse educandário.

A metodologia do trabalho pode ser compreendida em três momentos: levantamento bibliográfico, trabalhos de campo e análise dos dados. No levantamento bibliográfico podemos destacar autores como: José Maria Avilés, Leila Oliveira Rodrigues, Marília Pontes Sposito, Aurea Maria Guimaraes, dentre outros, os quais tematizam as questões relacionadas à violência, cidade, escola e. Muito embora existam diversas formas de abordar a violência, aqui enfocaremos a violência na escola.

O primeiro capítulo deste trabalho visa esclarecer o que se constitui por violência, buscando entender suas formas e suas categorias. Já o capítulo dois trás um aprofundamento sobre a violência escolar, abrangendo o papel dos professores e da família mediante essa problemática.

O terceiro capítulo demonstra dados da pesquisa. Os trabalhos de campo podem ser compreendidos em: 1 – aplicação de questionário, no caso, aos professores e alunos da turma multisseriada da EMEF Martins Monteiro; 2 – tabulamos, analisamos e discutimos os dados. A pesquisa ocorreu entre os meses de abril e maio de 2017, a partir da colaboração da direção da escola autorizando a pesquisa, professores e alunos. Os professores e alunos participaram como sujeitos da pesquisa como fonte de informação e, ao mesmo tempo, como produtores de dados.

## 1. CAPITULO I

### 1.1 Conceitos sobre a Violência

A violência é uma problemática que já tem vários séculos de duração. Não se trata de algo novo, desde os primórdios da evolução humana até a conquista do chamado Novo Mundo, no entanto somente no ano de 2002 a Organização Mundial da Saúde pela primeira vez se pronunciou em relação à violência de uma maneira mais contundente do que a que vinha adotando até então, quando em sua maioria somente classificava os efeitos desse fenômeno ou apenas realizava análises e fazia recomendações esporádicas sobre o assunto. Nesse sentido a OMS divulgou o Relatório mundial sobre violência e saúde, no qual define o problema como:

“uso intencional da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação” (KRUG et al., 2002, p. 5).

Pode-se dizer também que a violência se caracteriza através da opressão de alguns grupos sobre outro, do abuso de poder e também da tirania. Caracteriza-se também quando um indivíduo é coagido a fazer ou deixar de fazer algo que foi pré estipulado pelo agente. Há inúmeras maneiras de exprimir uma violência, como por exemplo: perseguições religiosas, guerras propriamente ditas e conflitos étnicos.

Ainda sobre o conceito de violência Rocha (1996) discorre da seguinte maneira:

“A violência, sob todas as formas de suas inúmeras manifestações, pode ser considerada como uma vis, vale dizer, como uma força que transgride os limites dos seres humanos, tanto na sua realidade física e psíquica, quanto no campo de suas realizações sociais, éticas, estéticas, políticas e religiosas. Em outras palavras, a violência, sob todas as suas formas, desrespeita os direitos fundamentais do ser humano, sem os quais o homem deixa de ser considerado como sujeito de direitos e de deveres, e passa a ser olhado como um puro e simples objeto.” ( ROCHA, 1996, p. 10)

A violência aparece como algo intrínseco à maneira pela qual se organiza e se desenvolve a sociedade moderna, seja ela local, nacional ou mundial. O mesmo procedimento, estruturação, hierarquias e instituições com os quais ela se forma e se transforma, acaba construindo o progresso e ao mesmo tempo a decadência, a

riqueza e em contra partida a pobreza, fatores que fermentam a violência. Ianni (2002) afirma o seguinte:

“Ocorre que os jogos das forças sociais e as formas de sociabilidade sintetizam o modo pelo qual a fábrica da sociedade, ou a máquina do mundo, produz e reproduz o progresso e o retrocesso, a evolução e a decadência, o florescimento e a distorção, a alienação e a mutilação.” (IANNI, 2002, P. 05)

Percebe-se que a violência está presente e latente, em muitos lugares, nos mais diversos setores da vida social, envolvendo indivíduos e comunidades. É um fenômeno eminentemente histórico, no sentido de que se constitui nos contornos de organização social e técnica do trabalho e da produção, das formas de sociabilidade e dos jogos de forças sociais. A mesma pode atingir um indivíduo isolado ou uma comunidade inteira, selecionar uns e esquecer outros. Possui de forma direta conotação político-econômica e sócio-cultural, podendo ser de certa forma ideológica ou principalmente física.

Junior e Aliane (2010) afirmam o seguinte:

“Diversos fatores colaboram para o aumento da violência, como o desenvolvimento dos grandes centros, os quais atraem pessoas de diversas localidades na esperança de empregos melhores (o que nem sempre ocorre), causando uma superlotação e, assim, contribui para o crescimento descontrolado da população. Infelizmente nem sempre há emprego para todos, o que de fato faz com que estas pessoas ingressem no caminho das drogas; outras para o banditismo; outras para a mendicância.” (JUNIOR; ALIANE, 2010, p. 02)

Como vimos na fala dos autores supracitados a disputa pelo espaço e melhores condições de vida acabam gerando conflitos entre indivíduos contribuindo assim diretamente para o crescimento de uma sociedade violenta, que oferece muito pouco a sua população e cobra caríssimo pelo simples espaço da sobrevivência, segregando a maioria e privilegiando a minoria, tende a produzir imensas riquezas à custa do esforço de muitos e distribui injustamente em benefício de poucos, enquanto os demais sobrevivem às condições extremamente precárias. Infelizmente somente quem pertence à elite ou é protegida por ela, podem usufruir da proteção, defesa e conforto material, sendo que os demais vivem na miséria.

As ações violentas são uma problemática que está presente em todos os ambientes sociais. Na maioria das vezes, o drama das cidades grandes, médias e

pequenas não é produzido exclusivamente pelo medo do inimigo que vem da rua. O sentimento de temor e insegurança é cotidiano trazendo assim o isolamento das pessoas, enfraquecendo os laços do homem com a comunidade e fragmentando o ser humano. (VIANNA apud RODRIGUEZ, 1997, p. 146) “Nunca se desenvolveu no Brasil a consciência do bem público, pelo fato de estarmos sempre, ao longo da nossa história, sob o império do interesse particular ou familiar”.

Nota-se também que a violência não está somente ligada a problemas sociais como vemos na fala de Junior e Aliane (2010).

“As causas da violência são associadas, em parte, a problemas sociais como miséria, fome e desemprego. Entretanto, nem todos os tipos de criminalidade derivam das condições econômicas. Pode-se constatar pela grande quantidade dos crimes praticados por indivíduos da classe social média-alta. Além disso, um Estado ineficiente e sem projetos de políticas públicas de segurança, contribui para aumentar a sensação de injustiça e impunidade, o que, eventualmente, possa ser a principal causa da violência.” (JUNIOR; ALIANE 2010, p. 04)

É notório que a solução para a questão da violência está longe de encontrar um desfecho, um culpado ou um único problema, mas envolve os mais diversos ramos da sociedade, não só a segurança pública e um judiciário eficiente, mas também necessita primordialmente na melhoria dos sistemas educacional, habitacional, em maiores oportunidades de emprego, dentre diversos fatores. Requer principalmente uma mudança significativa nas políticas públicas de enfrentamento e solução de conflitos sociais.

## **1.2 Entendendo algumas formas de violência**

A violência é entendida como um problema de saúde pública e pode ser definida de várias maneiras Minayo e Souza (1997) definem da seguinte maneira: Qualquer ação intencional, perpetrada por indivíduo, grupo, instituição, classes ou nações dirigidas a outrem, que cause prejuízos, danos físicos, sociais, psicológicos e (ou) espirituais.

Por outro lado para Santos (1996) a violência é compreendida como um dispositivo de controle aberto e contínuo, ou seja, a relação social caracterizada pelo

uso real ou virtual da coerção, que impede o reconhecimento do outro, pessoa, classe, gênero ou raça, mediante o uso da força ou da coerção, onde pode vir a provocar algum tipo de dano.

Portanto, ao estudar os conceitos de violência é importante considerar a diferença entre conflito e agressão, uma vez que os maus tratos não são uma consequência inevitável de conflito, mas uma estratégia de resolução de problemas que traz seríssimos danos aos envolvidos.

Como vimos anteriormente, a Organização Mundial da Saúde (OMS) considera que há relação clara entre a intenção do indivíduo que apresenta ou se envolve num comportamento violento e o ato ou a ação praticada. Neste caso pode conceituar estes atos de violência como: Violência Física; Violência Intrafamiliar; Violência Moral; Violência Patrimonial e Violência Psicológica.

### **1.2.1 Violência Física**

Entende-se por violência física nas palavras de Ballone (2003), como sendo o uso da força com o objetivo de ferir, deixando ou não marcas evidentes, são comuns murros e tapas, agressões com diversos objetos e queimaduras por objetos ou líquido quentes.

O Ministério da Saúde ressalta que violência física acontece quando uma pessoa está em relação de poder com a outra, podendo causar ou tentar causar danos não acidentais, seja ela por meio do uso da força física ou de algum tipo de arma que possa provocar ou não lesões internas, externas ou ambas. Ressalta-se ainda agressões físicas ou a intenção de realizar tais agressões, como ameaçar de jogar algo ou de dar um soco (BRASIL, 2001 p.).

Existem variadas formas de manifestação da violência física, como podem ser: empurrões; tapas; socos; mordidas; cortes; queimaduras; estrangulamento; lesões por armas ou objetos; obrigar a outra pessoa a ingerir medicamentos desnecessários ou inadequados tais como: álcool, drogas ou outras substâncias e alimentos; amarrar; arrastar; arrancar a roupa; abandonar em lugares desconhecidos; causar danos à integridade física em virtude de negligência, ou até mesmo se omitir a cuidados e proteção contra agravos evitáveis.

Para Azevedo e Guerra (2000) a violência física é vista da seguinte maneira:

“a violência física corresponde ao uso de força física no relacionamento com a criança ou o adolescente por parte de seus pais ou por quem exerce a autoridade no âmbito familiar. Esta relação de força baseia-se no poder disciplinador do adulto e na desigualdade adulto-criança” (Azevedo e Guerra, 2000. p.36)

Desta forma percebe-se de acordo com os autores que qualquer lesão intencional causada em uma criança ou adolescente por seus pais ou outro ente familiar é violência física.

Observa-se a partir dos dados disponíveis no sistema de “Vigilância de violências e acidentes em serviços sentinelas de urgência e emergência: inquéritos” (VIVA, 2006 e 2007) mostram que o local de maior incidência de violência física contra a criança é a residência. Já em relação aos adolescentes do sexo masculino, os índices de violência sofrida no espaço da rua são maiores em relação à violência sofrida em espaço público pelas mulheres. Outro fator interessante é que os pretos e pardos estão em maior número que os brancos, ou seja, os homens, jovens e negros constituem o segmento mais atingido pela violência física urbana.

Os registros da violência física são altos e atinge majoritariamente os meninos na faixa etária entre zero e nove anos. Estas estatísticas revelam que as crianças, por serem mais dependentes dos adultos e terem menor possibilidade de autodefesa, são mais vulneráveis à violência física perpetrada pelos adultos. Nesse caso as crianças do sexo masculino são representadas como menos dóceis do que as do sexo feminino, reforçando assim as representações estereotipadas dos papéis de gênero. Dessa maneira, são mais sujeitas à violência física. Os dados mostram o efeito perverso da socialização que infelizmente prepara os meninos para que no futuro resolvam seus conflitos por meio da força física, ou seja, neste modelo eles apanham para aprender a bater.

A agressão, em sua face da violência física, tem sido muitas vezes justificada como necessária ao processo educativo da criança ou adolescente. A justificativa de “bater para que as crianças aprendam” ou “bater para corrigi-las” são toleradas socialmente, desde que não causem danos físicos e visíveis às vítimas. A mídia, sobretudo nas redes sociais tem divulgado o debate popular que se instaurou a

propósito do projeto de lei conhecido como a “Lei da palmada” (Lei nº 13.010, de 26 de junho de 2014). Esta Lei estabelece em suma que se os pais ou responsáveis por uma criança ou adolescente usarem de castigo físico ou tratamento cruel para disciplinar, poderão sofrer uma ou mais das consequências previstas na Lei (além da possibilidade de sanções previstas em outras leis, como o Código Penal).

O assunto tem sido bastante discutido nas mídias sociais e de certa forma tem desconstruído à verdadeira intenção da Lei. Entendo que com a criação da lei há uma superação de um costume, que nos remete a autotutela, onde os problemas eram resolvidos por meio da força física, e assim sendo, ela também seria instrumento para educar. A não foi feita para dizer o que os pais devem ou não fazer para educar seus filhos, mas sim no intuito de proibir as ações violentas, incentivando ao diálogo e a outros meios que não causem traumas àqueles que apanham evitando assim a propagação da violência, pois é sabido que violência gera violência.

### **1.2.2 Violência Intrafamiliar**

As violências que se caracterizam cotidiano das relações familiares são, ocasionalmente, denominadas indistintamente de violência doméstica ou intrafamiliar. Entretanto, a violência doméstica inclui outros membros do convívio familiar, que não tenha função parental, englobando, dessa forma, a violência perpetrada ou sofrida por agregados, empregados e demais pessoas que convivem esporadicamente no ambiente doméstico. Já o conceito de violência intrafamiliar está exclusivamente ligado à violência que ocorre nas relações familiares, ou seja, entre os membros da mesma família.

Segundo a Secretaria de Políticas de Saúde (2001) a violência intrafamiliar pode ser praticada tanto no ambiente doméstico quanto público. Na definição de violência intrafamiliar destacam-se dois aspectos: o primeiro é de que se trata de uma violência interpessoal perpetrada, no caso das crianças e adolescentes, por pessoas que possuem parentesco com a mesma. O segundo aspecto sobressai que é uma violência cuja prática não está ligada somente ao espaço doméstico, ou seja, a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes é por vezes cometida pelos pais ou responsáveis também em espaços sociais.

A violência intrafamiliar é uma problemática de alta complexidade, o que significa que não se lhe pode atribuir somente uma única causa. É preciso considerar que os adultos no contexto familiar são pessoas significativas do ponto de vista afetivo para as crianças e os adolescentes e que, ao agirem de forma ríspida, provocam nelas inúmeras sequelas emocionais.

Ela ocorre, portanto, em um cenário de relações vinculares entre marido e esposa, entre irmãos, pais e filhos, filhos e pais, ou seja, os agressores e vítimas são pessoas que se conhecem e mantêm relações afetivas. A violência intrafamiliar acontece, portanto em um cenário de relações de poder entre as gerações e os gêneros.

Refletir sobre a prática da violência intrafamiliar sob o olhar das relações intergeracionais significa levar em consideração dois aspectos: primeiro o da reincidência das práticas de violência entre as gerações, ou seja, os dados têm mostrado que um adulto que pratica a violência tem grande probabilidade de ter sofrido em sua própria infância ações violentas por parte de seus pais ou de outros adultos que interferiu diretamente em seu processo de socialização. Desta forma Saffioti (1997) afirma que “a violência apresenta uma acentuada tendência à cronificação, mormente quando se trata de intrafamiliar” (p.155).

O segundo aspecto tem concerne às relações assimétricas de poder entre gerações mais jovens com mais antigas. Em uma sociedade de traços adultocêntricos como a nossa, as crianças e os adolescentes são consideradas incapazes e ficam sujeitas, muitas vezes pelo uso da violência física ou da coerção psicológica, às determinações de seus pais, professores e responsáveis.

### **1.2.3 Violência Moral**

Pode-se definir violência moral como o ato de caluniar ou difamar a vítima, ou de ofendê-la diante de terceiros, de modo a prejudicar sua reputação. É uma problemática bastante discutida no meio empresarial e tem sido a fonte de inúmeros problemas nas relações de trabalho, sobretudo entre patrões e empregados.

Nas palavras de Freitas, Heloani e Barreto (2008) a violência moral pode ser definida como uma conduta abusiva, intencional, frequente e repetida, que pode

ocorrer em qualquer ambiente e que visa diminuir, oprimir, humilhar, constranger, desqualificar e abater psiquicamente um indivíduo ou um grupo, degradando as suas condições de convívio e trabalho, atingindo a sua dignidade e colocando em risco a sua integridade pessoal e profissional.

A mesma se apresenta como uma forma de gerir e controlar os processos de trabalho e convivência que causa consequências negativas para a saúde física e mental do indivíduo, degradando o ambiente de convívio e de trabalho, as relações profissionais e sociais bem como o desempenho institucional.

Em 2002 A pesquisadora e psicanalista francesa Marie-France Hirigoyen, em seu trabalho publicado, classifica a violência moral em quatro categorias: isolamento, dignidade violada, atentado às condições de trabalho e violência verbal, física e sexual (ver Quadro 1).

Tipos de violência	Descrição
Isolamento e recusa de comunicação	Ignora-se a presença do trabalhador, impossibilitando o diálogo; caso tente falar, é interrompido; a comunicação com ele é feita por escrito; seu pedido de entrevista é negado pela direção.
Dignidade Violada	Gestos de desprezo e insinuações desdenhosas para com a vítima; rumores sobre sua sanidade mental; zombarias caricaturais sobre seu aspecto físico, nacionalidade, crenças religiosas ou convicções políticas; atribuição de trabalhos degradantes; injúrias.
Atentado às condições de trabalho	Não transmitir informações úteis para a realização de tarefas; contestar sistematicamente decisões tomadas pelo trabalhador; criticar seu trabalho de maneira injusta ou exagerada; privá-lo do acesso aos instrumentos de trabalho; retirar o trabalho que lhe compete; dar sempre novas tarefas, muitas inferiores às suas competências; pressioná-lo para que não faça valer os seus direitos; agir de modo a impedir que obtenha promoção; atribuir à vítima, contra a vontade dela, trabalhos perigosos; dar instruções impossíveis de executar.
Violência verbal, física ou sexual	Ameaças de violência física que podem chegar à agressão; empurrões e gritos; invasão de privacidade por meio de telefonemas ou cartas; espionagem e estragos em bens pessoais; agressões sexuais.

Fonte: Marie-France Hirigoyen, 2002.

Vale ressaltar que estas categorias podem ocorrer de forma combinada, o que intensifica ainda mais o sofrimento do indivíduo que sofreu a violência.

É importante lembrar que nem todo conflito é violência moral, em ambientes baseados na participação coletiva, tais como: posicionamentos e opiniões divergentes entre as partes são habituais.

Nesse sentido o conflito pode ser definido como um embate decorrente de divergências culturais, sociais, religiosas e políticas e também por visões de mundo diferentes, por tensões resultantes de reivindicações, por disputas de poder ou conflito de interesses.

Tais divergências podem ocasionar situações de conflitos que não precisam ser encaradas de forma negativa, pois os conflitos são característicos, analisadores e, portanto, importantes para o desenvolvimento de uma sociedade. O conflito faz parte das rotinas familiares, sociais e de trabalho. No quadro abaixo podemos identificar a diferença entre o conflito e a violência moral segundo o Ministério da Saúde (2014):

<b>Conflito</b>	<b>Violência Moral</b>
As divergências de visão entre os profissionais são deixadas às claras.	Agressões podem ser difusas e implícitas.
Profissionais envolvidos tem consciência da divergência.	Interação confusa e indefinida; nega-se a existência do assédio
Comunicação direta e franca entre profissionais que possuem opiniões diferentes.	Comunicação dá-se de forma evasiva, dissimulada ou há recusa ao diálogo
Não altera permanentemente o clima organizacional.	Clima organizacional conturbado.
Há relacionamento profissional direto entre divergentes, ainda que resolvam interromper o diálogo acerca de um tema específico.	Pode haver recusa à interação, isolamento.
Confrontos e divergências ocasionais.	Práticas antiéticas duradouras e frequentes.
Não objetiva prejudicar ou afastar da organização o profissional com visão divergente.	Objetiva prejudicar a situação do trabalhador na organização, podendo levar à demissão ou à exoneração.
Pode provocar antagonismo entre grupos e sofrimento compartilhado	O assediado pode ser o único alvo (o que não descarta o assédio moral coletivo)

Mesmo que os conflitos sejam inerentes às relações sociais e de trabalho, já que sempre existirão interesses diversos, é imprescindível que estes possam ser vividos com ética e respeito. Para tanto, a mediação e o diálogo franco podem ser alternativas para lidar com essas dificuldades. A intermediação leva em consideração os interesses de todos os envolvidos, lançando mão de metodologias para auxiliar as pessoas em conflito a identificarem os interesses comuns, complementares ou divergentes e a edificarem, em conjunto, alternativas de solução, estabelecendo assim novas formas de relação.

#### **1.2.4 Violência Patrimonial**

A violência patrimonial é entendida como qualquer dano contra o patrimônio público e Segundo a Lei 11.340/2006, a violência patrimonial, é entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo também os destinados a satisfazer as próprias necessidades.

De acordo com Abramovay (2002), a violência patrimonial, a dilapidação do espaço e do equipamento escolar, sem o furto de bens, surge como ato de reação social contra a escola. Algumas pesquisas norte-americanas demonstram que o vandalismo tem sido associado a administrações escolares autoritárias ou, alternativamente, indiferentes e omissas; bem como a diretores e professores que não são receptivos aos alunos, à alta rotatividade do corpo docente e, finalmente, a punições. A realidade local não é muito diferente haja vista as reportagens e os relatos de educadores sobre os danos causados por alunos ao patrimônio escolar. Dentre esses danos patrimoniais pode-se citar quebras de carteiras, lousas, vasos sanitários e etc. Outras formas de dano ao patrimônio escolar são as pichações que estão presentes em todas os espaços da escola: nas carteiras, nas paredes, no muro, no banheiro e até mesmo em espaços pedagógicos. Como vemos nos relatos de Souza (2008).

“A violência na escola ocorre desde Intimidações físicas e verbais à degradação do espaço físico ou depredação. Louças e janelas quebradas, banheiros com encanamento entupido, furto de torneiras e lâmpadas, atos

de vandalismo (pichações de paredes, muros, carteiras quebradas dentre outros), são alguns exemplos de violência cometida contra o patrimônio escolar, pelos alunos”. (SOUZA, 2008, p. 128)

Observando estes tipos de danos faz-se necessário tentar desvendar as mensagens escondidas nos atos de violência contra o patrimônio das escolas, que podem ter vários significados: a necessidade de chamar atenção, de exibir-se para os colegas, expressar revolta ou, deixar sua marca no mundo, pois pode se tratar de colocar para fora a rebeldia deles contra o governo ou contra os pais, contra a sociedade, contra a escola. Fazem a pichação para manifestar a sua vontade, o seu desejo.

Existem vários outros debates sobre as causas que levam os alunos a depredarem o patrimônio escolar. Para Guimarães (2005), a depredação pode ser considerada uma forma de resistência dos alunos ao aparato escolar, ou seja, uma forma de contestação à uniformidade, à vigilância e à punição exercidas pela escola. Pode-se dizer também que se trata de uma reação às contradições que envolvem a escola quando ela afirma ser democrática, mas suas práticas revelam o contrário, quando diz que está preparando para a vida, mas não há preparação nem intelectual nem social, quando se diz renovada, mas, na verdade, ainda continua com práticas, métodos e conceitos inadequados para a realidade atual.

Além de ser uma forma de contestação à imposição de algumas normas impostas pela escola ou ao julgamento realizado pela mesma, Candau (1999) acrescenta que a depredação escolar pode ser uma resposta às precárias condições em que se encontram muitos prédios escolares. Como também afirma Cardia (1997), quando fala que a falta de recursos materiais e humanos como também a deterioração física pode influenciar no aumento da violência dentro das escolas. Prédios degradados, grafitados são um convite a uma maior degradação e violência.

“O descuido com os prédios sugere uma terra de ninguém, uma terra sem dono que pode ser ocupada por aquele que tem força e coragem para fazê-lo. Para os jovens que têm baixa autoestima e não conseguem se vincular à escola devido aos repetidos fracassos, vandalizar a escola, e de certo modo, apropriar-se dela e de certo modo, vencê-la”. (CARDIA, 1997, p.28)

Por outro lado Blaya (2003), afirma que o sentimento de injustiça em relação ao regime de sanções; a falta de um regulamento claro e coerente; o tamanho muito grande de alguns prédios escolares; um número muito grande de alunos e a falta do sentimento de pertença são fatores que podem contribuir para a agressividade no clima escolar e o desenvolvimento de comportamentos agressivos como o vandalismo, por exemplo. O que remete a fala de Thomaz (2004) entende que “as pichações dão a certa noção do tipo de vida vivida no interior da escola”. Ainda segundo a autora (op.cit, p.83), essa violência sobre as coisas, os instrumentos, os lugares com a finalidade de destruí-los, sujá-los, “significa a ruptura de um laço social frágil, um culto à desordem, uma cultura da violência”.

### **1.2.5 Violência Psicológica**

Do acordo com Day (2003) A violência psicológica inclui toda ação ou omissão que causa ou procura causar dano à autoestima e à identidade da pessoa, mas é preciso compreender que esta é a forma mais subjetiva. É comum estabelecer a associação de agressões psicológicas com as agressões físicas, sendo que a violência psicológica é uma forma silenciosa, a qual deixa profundas marcas que podem comprometer a integridade mental da vítima de violência.

A Lei Maria da Penha descreveu vários tipos de agressões entre elas encontra-se a violência psicológica, que antes não era tida como violência, tanto que a define no art. 7º, inciso II:

“A violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação.”

Ressalta-se que a violência psicológica, através de ameaças, embora seja mais comum contra mulheres, mas atinge todos os gêneros e idades, fazendo-se

por meio de promessas de agressões e gestos intimidativos. Uma característica comum àqueles que praticam este tipo de agressão é a habilidade de encontrar o ponto fraco da vítima, que, em muitos casos, são os filhos, utilizando-os como alvo todas as vezes que desejar feri-la.

FONSECA et al. (2006) reitera que:

“Os sintomas psicológicos frequentemente encontrados em vítimas de violência doméstica são: insônia, pesadelos, falta de concentração, irritabilidade, falta de apetite, e até o aparecimento de sérios problemas mentais como a depressão, ansiedade, síndrome do pânico, estresse pós-traumático, além de comportamentos autodestrutivos como o uso de álcool e drogas, ou mesmo tentativas de suicídio.” (FONSECA. 2006. p. 21)

Nesse mesmo ponto de vista, Alice Bianchini (2012) afirma que um sentimento comum na vida de muitas vítimas de violência psicológica é que elas acreditam que há algo de errado consigo mesmas e alimentam um sentimento de culpa pela violência que sofrem, acreditam que devem cuidar dos outros em detrimento de si próprias, possuem baixa autoestima, total desconhecimento de seus recursos pessoais e de seus direitos; portanto, sentem-se inferiores e destituídas de poder sobre suas próprias vidas.

Segundo Neves (2004) a violência psicológica é a que mais acontece na sociedade, apesar da violência física ser mais facilmente reconhecida, uma vez que as vítimas ainda não sabem identificar quando são vítimas dessa tipo de violência, ao contrário das marcas do corpo que a violência física deixa.

Quando uma pessoa é vítima de violência psicológica o seu bem-estar e sua saúde são diretamente afetados. Bem como sua saúde pessoal é comprometida, o seu papel como profissional geradora de rendimentos ou como empregada, serão atingidos causando assim uma série de problemas não somente na vida familiar, mas em toda sua vida social.

Assim, verifica-se que, a violência psicológica causa graves danos à saúde mental, física e social da vítima, inclusive doenças que são consideradas graves e que devem ser tratadas com acompanhamento médico e psicológico, com o intuito de melhorar o quadro clínico, mas em alguns casos as consequências são irreversíveis, perdurando por toda a vida.

## 2. UNIDADE II

### 2.1 Violência dentro do espaço escolar

Como vimos no capítulo anterior há inúmeras vertentes no que tange as definições de violências, principalmente pelo fato dessa problemática se apresentar em varias facetas. Entretanto a identificação da mesma faz-se extremamente necessária para que haja o combate e, sobretudo a punição dos agressores.

No âmbito educacional, esta temática também tem sido foco de discussões uma vez que tem se tornado um dos principais problemas que tem interferido no processo ensino aprendizagem em virtude de suas consequências que não são somente físicas, mas atinge o campo psico-emocional e social.

Em pesquisa realizada por Pinheiro (2006), ficou evidenciado que na escola a violência pode gerar diferentes impactos na saúde: sejam eles físicos, por meio de ferimentos leves ou graves, ou até deficiência permanente ou de longo prazo, bem como contusões, fraturas e mortes por homicídio ou suicídio. Afeta também o psicológico, incluindo problemas de desenvolvimento emocional, transtornos mentais, que afetam o campo comportamental, e por fim a agressão sexual, que pode levar à contração de doenças sexualmente transmissíveis e inclusive a gravidez precoce.

Nas redes sociais são comuns as cenas de violência, tais como brigas, confrontos, acerto de contas e até mortes. Cenas de violências individuais e também em grupos, estes que geralmente se formam dentro do espaço escolar. Para Bernard Charlot (2002 apud SALLES; SILVA, 2008, p. 150), a violência no ambiente escolar se apresenta de três formas: violência na escola, violência à escolar e violência da escola:

“A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada a natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local. A violência à escola está ligada a natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores, ou os insultam, eles se entregam a

violência que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes de orientação o tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas”

Entre as inúmeras facetas apresentadas pela violência existente no ambiente escolar destaca-se a prática do bullying e cyberbullying (bullying pela internet ou telefone celular) termos que em português tem o significado como: zoar, intimidar, humilhar, ameaçar, agredir, furtar, excluir ou difamar. O termo bullying está diretamente ligado a um contexto de submissão-opressão, no qual os agressores desenvolvem atitudes repressoras de diversas naturezas, como psicológica e física, com determinada frequência, caracterizado sempre pela busca do poder em relação aos agredidos. Desta forma criam um ambiente de tensão, medo, ansiedade e desvalorização de indivíduos que não correspondem aos padrões ditados e seguidos pela maioria.

Nesse sentido Bernard Charlot (2002 apud SALES; SILVA, p. 150) afirmam que:

“Nas escolas, os adolescentes e jovens interagem com os outros, adolescentes e jovens, que são diferentes deles ou de seu grupo de referência em função, entre outros aspectos, da cor, da sexualidade, da nacionalidade, do corpo, da classe socioeconômica. No espaço escolar essa interação com o diferente, quando não é problematizada, se dá por meios de relações interpessoais pautadas por conflitos, confrontos e violência”. (BERNARD CHARLOT, 2002 apud SALES; SILVA, p. 150)

Diariamente ouvimos relatos ou presenciamos cenas de violência nas escolas e todas ou quase na totalidade estão relacionadas a estes campos citados pelo autor. Infelizmente, os assuntos relacionados à violência, desigualdade, intolerância apesar de ser cotidiano ainda é pouco discutido nas escolas. Nas palavras de Menezes (2009. P.1) “as demonstrações coletivas de intolerância, desrespeito e violência são sempre chocantes, ainda mais quando atingem os mais frágeis e ocorrem na escola”.

No estudo realizado por Fisher, Lorenzi e Pedreira (2010) com amostra em cidades de todas as regiões do país, os dados coletados revelaram que 28% da amostra total de alunos afirmaram ter sido vítimas de maus tratos por parte de

colegas ao menos uma vez, no ano de 2009, e quase 10% da amostra relatou ter sofrido maus tratos três ou mais vezes no mesmo. Esses dados nos confirmam da necessidade de debater o tema no ambiente escolar.

Diante de toda essa problemática no ano de 2008 o Ministério Público do estado de Goiás, por meio do Centro de Apoio Operacional da Infância e Juventude e Direito à Educação, publicou um documento intitulado “Recomendação aos profissionais da área da educação pertencentes à Rede Pública Estadual de Goiás e à Rede Pública Municipal de Goiânia”. Nesse documento o estado diferencia o que é ato de infração do ato de indisciplina e ainda indica quais deve ser o papel de cada um na escola. Nesse caso o ato infracional é definido como:

(...) lesão corporal em que a vítima apresenta sinais da agressão, em razão da necessidade de laudo de exame de corpo de delito; homicídio em que a vítima deve ser submetida a laudo de exame cadavérico; porte para uso ou tráfico de entorpecentes, pois a autoridade policial realizará a apreensão da droga e irá requisitar o laudo de exame químico toxicológico; porte de arma, vez que é necessária a apreensão da arma que será submetida a exame pelo instituto de criminalística; porte de explosivos ou bomba caseira, pois também é necessária a apreensão do material que será objeto de exame pelo instituto de criminalística; dano intencional ao patrimônio público ou particular, em que deverá ser efetuado o levantamento do local (MP-GO, 2008, p.4).

Diante de qualquer um desses atos cometidos no ambiente escolar foi determinado que é obrigação da escola comunicar a autoridade policial, para que sejam apurados os atos infracionais praticados por adolescentes, e à Promotoria de Justiça da Infância e Juventude da Comarca. O documento ainda determina que, quando o ato infracional for praticado por criança (pessoa com até 12 anos incompletos), os fatos devem ser encaminhados ao Conselho Tutelar.

Penso que decisões como essas foram necessárias justamente pela inercia da escola em se debater sobre essa problemática, faz-se necessário um repensar sobre as ações desenvolvidas na escola há de se implementar momento que propiciem o conhecimento das consequências que a violência traz para a comunidade escolar, momentos estes que podem ser trabalhados em palestras e seminários. Contudo é preciso também trabalhar a relações interpessoais entre alunos e alunos, professores e alunos e/ou escola e comunidade.

Para Oliveira (2003):

“As interações escolares são fundamentais na construção da identidade da criança, na sua aceitação, em uma autoestima positiva. É preciso compreender que o indivíduo só pode se construir na interação com os outros a despeito de sua distinção em relação a estes outros a despeito de sua diversidade”. (OLIVEIRA apud ALEXANDRE, 2003 p. 33):

Assim o as boas relações necessitam de habilidade, de compreensão e respeito a fim de que haja eficácia nas interações sociais. Desta forma o saber ouvir, compreender, colocar-se no lugar e compreender o outro, nos leva a melhor convivência em grupo, bem como, o desenvolvimento de sentimentos positivos para um relacionamento mais eficiente com as pessoas que nos cercam ou rodeiam.

## **2.2 O papel do professor frente à violência escolar**

Quanto se fala sobre a violência no ambiente escolar apesar do sentimento de impotência que afeta a maioria dos educadores, Existe quase uma unanimidade entre os profissionais da área da educação em enfatizar o papel central desses dos educadores nas ações de intervenção e prevenção da violência na escola. O Pesquisador Viana (2006) apresentou estudos que mostram a preocupação sobre o tema violência, contra o colega, contra a direção, contra o professor.

Sabe-se que o professor que deveria ter como preocupação preparar as aulas, escolher os conteúdos a ser trabalhado, conhecer o seu aluno e preocupar-se com sua aprendizagem, mas diante da violência está tão latente no ambiente escolar, é comum o sentimento de preocupação por não saber como agir, como mediar os problemas e as situações de conflito que se apresentam no dia a dia escolar.

“Partimos do pressuposto de que a ação educativa que visa à formação para cidadania e procura favorecer a emergência de interação social construtiva deve estar integrada no cotidiano escolar, de tal forma que o professor seja capaz de aproveitar os múltiplos momentos de conflito que surgem na escola para contribuir de forma eficiente para essa formação”. (GONCALVES, 2005, p.638).

Diante da fala do autor, nota-se que é papel do educador a busca de formação continuada para que possa ampliar seus conhecimentos, de forma a

aprimorar suas práticas pedagógicas e seus conteúdos, buscando assim conhecer mais profundamente a realidade social dos alunos. Torna-se necessário ao educador promover em sala de aula debates com temas que estejam relacionados ao cotidiano de seus alunos. Desta forma poderá encontrar formas de mediação para enfrentar os dilemas que se apresentam no dia a dia da vida deste aluno o que inclui também a violência escolar.

Ao considerar o protagonismo dos profissionais da educação nesse processo, algumas escolas tem procurado envolvê-los não apenas na função docente, mas também em atividades extracurriculares envolvendo os alunos. Entretanto, esse envolvimento mais abrangente dos professores como vimos anteriormente tem relação direta com a formação e qualificação recebidas por esse profissional. Diante disso Blaya (2003) a formação de professores nas universidades não tem colaborado na constituição de profissionais preparados para lidarem com situações.

“Quando começam a ensinar, os jovens mestres seguem modelos. Quando não têm opção, inspiram-se em seus antigos mestres, que foram formados em instituições antigas, arcaicas, que ainda não incorporaram a escola democrática, acolhedora de estudantes diferentes, com problemas diversos”. (BLAYA, 2003, p.9)

Rodrigues (2011) relata sobre a necessidade de se trabalhar o tema violência na escola tanto na fase acadêmica e também durante a sua formação continuada

“Assim a questão da formação do professor, inicial ou continuada, aparece como uma das necessidades imediatas, para o desenvolvimento de saberes que possam ser transformados em meio para o combate a violência na escola, porque o professor em sua formação, não se tornou capaz de conhecer, aprender, resolver e prevenir a violência escolar. Eles têm lidado com essas situações sozinhos e, às vezes, compartilhando com seu colega de profissão com base em conhecimentos do senso comum”. (RODRIGUES, 2011, p.136)

Em face dessas novas exigências na profissão, os educadores não podem limitar as suas habilidades apenas para o domínio do conteúdo a ser ministrado e em educarem seus alunos nas disciplinas que fazem parte dos currículos, porém, além disso, precisam desenvolver a capacidade de intervir e de evitar comportamentos violentos. Diante disso, Royer (2002), apresenta oito elementos que devem fazer parte da formação de professores para que se sintam capacitados

a lidar com os conflitos e elaborar estratégias de ação para a prevenção da violência na escola. Entre esses elementos estão:

“a) a necessidade de mostrar aos professores que a violência não é algo “natural”, mas que é uma questão que precisa ser pensada a partir do contexto em que está inserida; b) que a escola pode realmente contribuir para evitar a violência. Considerando que a escola prepara os alunos para a vida social, ela pode ser a segunda oportunidade, ou até mesmo a última, de desenvolvimento das capacidades necessárias para desenvolverem habilidades e terem uma vida profissional e pessoal de sucesso; c) os professores devem estar atentos à necessidade de agirem de forma ativa e não reativa aos problemas que ocorrem na escola, o que deve ser pensado em um contexto de prevenção e de intervenção precoce da violência; d) respeitar o contexto em que a escola está inserida, pensando um modelo de intervenção que atenda à situação particular de uma escola ou de um aluno, considerando que o problema da violência é complexo e não, necessariamente, homogêneo; e) a necessidade de constante atualização das informações passadas aos professores a respeito da violência escolar; f) a política de formação dos professores deve ser guiada a partir dos resultados de pesquisas confiáveis sobre o tema da violência; g) os pais de alunos devem estar envolvidos nos projetos realizados pela escola, pois as intervenções realizadas em sala de aula não são suficientes para apresentarem resultados positivos, devem também levar em conta o ambiente em que vivem os alunos; h) pelo mesmo motivo apontado anteriormente, deve ser estabelecida uma parceria com a comunidade da qual a escola faz parte e dos serviços oferecidos por ela” .(ROYER, 2002, p.252-253).

Percebe-se na fala do autor que o professor como estratégia preventiva precisa incentivar e trabalhar a afetividade e a humanidade dos educandos, ganhando assim a confiança dos mesmos, abrindo espaços para o debate e conversas informais que estão além do que o currículo exige. Se em determinado momento perceber que algum alguém está sendo vítima de qualquer tipo de violência deve tentar fazer com que a vítima confie e se sinta a vontade para se abrir. Jamais deve ser ignorado um sinal de alerta e o professor deve ser a primeira pessoa a identificar o problema.

Infelizmente não existe uma receita pronta em que os professores possam aplicar e assim venha a sanar com todos esses problemas de violência na escola. O que existem são sugestões que podem ser aproveitadas e até mesmo adaptadas a diferentes realidades. Cabe a cada escola pensar, independentemente de todas as barreiras que se apresenta, o que é possível fazer para reverter o quadro negativo e descobrir que existem sim ações acessíveis, que podem ser colocadas em práticas em quaisquer ambientes, desde a sala de aula até toda a escola.

### 2.3 O papel da família frente à violência escolar

A violência no ambiente escolar se manifesta em meio uma grande diversidade de comportamentos antissociais praticados por alunos. Na maioria das vezes os comportamentos violentos são fruto do ambiente a que são expostos. Nesse caso, quanto à violência escolar ela, geralmente, decorre da violência intrafamiliar, com origem no seio da família.

Sabe-se que a família é a base de qualquer sociedade, qualquer comunidade bem estruturada está diretamente ligada entre outras coisas à uma base familiar totalmente compacta. Nesse sentido pode-se afirmar que “quando a sociedade vai bem é porque a família também vai bem”. Partindo desse pressuposto entende-se que os problemas de violência escolar também de certa forma é um reflexo do que acontece com aluno dentro do ambiente familiar, pois sabemos que violência gera violência.

Infelizmente vemos na sociedade dois extremos em relação à educação de filhos onde os pais geralmente recorrem à violência como uma maneira de punir seus filhos por algum comportamento que julgam não adequados ou são negligentes quanto a impor limites a seus filhos. Percebe-se que a cada dia se torna mais difícil à prática de educar os filhos como vemos na fala de Marques (2014) afirma o seguinte:

“De facto os pais nos dias que correm têm alguma dificuldade em educar. Nunca os pais quiseram fazer tanto e tão bem, e os resultados não correspondem. A família deve afirmar-se como um lugar de amor, carinho, atenção, afetividade, transmitindo valores. A educação de todos os dias reflete-se em dimensões culturais, sociais e individuais, que geram concepções, crenças e expectativas em relação à criança e ao seu desenvolvimento. Outra perspectiva permite perceber que excesso de amor pelos filhos é excessivo e muito mal gerido, criando seres tiranos, egoístas e individualistas.”. (MARQUES, 2014, p.28)

Percebe-se na fala do autor que o amor pelos filhos é excessivo e muito mal gerido, criando seres egoístas e individualistas. Os pais são muito permissivos e dão tudo o que os filhos querem e quando se retira ou lhes é negado algo, acabam por reagir, e reagem de forma violenta, muitas das vezes. Diante disso é necessário impor limites, proibições e existem formas de travar este tipo de comportamento, evitando que crianças se tornem agressivos e conseqüentemente levem esse tipo de comportamento para o ambiente escolar. Segundo Marques (2014):

“É importante aprender a dizer “não” sem medo. Se as crianças nunca ouvirem um “não” dos seus pais, não estarão preparados para ouvirem um “não” da vida. Contudo, os limites só educam se não forem excessivos e se estimularem a arte de pensar e se forem colocados e aprendidos desde muito cedo: resistir ao impulso e saber esperar”. (MARQUES, 2014, p.29)

Desta forma, o papel dos pais e da família encarregados de educação no que tange à violência escolar torna-se muito significativo. E A importância da família surge, contudo, destacada no relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI onde diz que *"a família constitui o primeiro lugar de toda e qualquer educação e assegura, por isso, a ligação entre o afetivo e o cognitivo, assim como a transmissão dos valores e normas"*.

No que se refere à violência escolar também tem que se falar em violência doméstica, pois são situações que vão afetar diretamente a escola, como local onde se pretende dar continuidade à socialização e educação iniciada na família, partilhando os mesmos vícios e virtudes da sociedade, logo passando a ter um papel determinante na formação dos alunos vindos dos mais diferentes meios sociais e culturais, onde muitas vezes são agressores e, em muitas outras, são agredidos.

Os alunos necessitam de atenção especial não somente da escola, mas é preciso também que a família esteja inserida nesse processo de ensino. Segundo Yaegashi (2007) tanto a escola quanto a família deveriam tentar mudanças que lhes permitissem responder adequadamente, no sentido de ajudar a criança, evitando maiores dificuldades e situações de estresses. Diante desses conflitos percebe-se que é primordial a aproximação das relações entre escola e família. Segundo Larcher (2012):

*"É fundamental começar por envolver os pais/encarregados de educação, professores, pessoal não docente, de modo a haver uma maior articulação, uma maior entrega por parte destes intervenientes, procurando que o aluno/criança se sintam bem, se sintam úteis, valorizando-o. Nós, enquanto professores, somos também a causa e a consequência da violência nas escolas... é importante orientarmos os nossos alunos, trabalhá-los e tratá-los com o respeito que eles merecem. Ouvi-los é muito importante!" (LARCHER, 2012, p.65).*

Assim, faz-se necessário um repensar sobre a participação do pais nas atividades de cunho educativo, no intuito de que as escolas implementem no plano de ação e sobretudo no Plano Político Pedagógico atividades e eventos que contam com a participação da família a fim de aproximar as relações entre as partes

facilitando assim o processo ensino aprendizagem e também na resolução de conflitos que contribuem para a propagação da violência escolar.

### **3. CAPÍTULO III**

#### **3.1 TIPO DE PESQUISA**

A pesquisa realizada acerca da violência escolar na E.M.E.F Martins Monteiro respaldou-se pela utilização de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. A pesquisa em questão quanto aos objetivos é de cunho descritivo, e quanto aos procedimentos trata-se de um levantamento, pois busca descrever as dificuldades com a violência escolar nas turmas de 8º e 9º ano do ensino fundamental.

Quanto à abordagem do problema a pesquisa é qualitativa e quantitativa, pois busca descrever com clareza estas relações de violência escolar e ao mesmo tempo verificar quais praticas a comunidade escolar tem buscado para o combate a este mal dentro do ambiente escolar.

Sobre as pesquisas qualitativas e quantitativas Fonseca (2002) esclarece:

“Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente”. (FONSECA, 2002, p.20)

#### **3.2 CENÁRIO**

A E.M.E.F Martins Monteiro foi fundada em 23/02/2000, atendendo a Educação Infantil e o Fundamental. A escola está localizada na zona rural, na Vila Unido do Norte, no PA RIO GELADO á 168 km de Novo Repartimento ,o corpo

docente da escola é composto por 1 diretora, 8 professores e 3 ASG(Auxiliar de Serviços Gerais). Atualmente a escola trabalha com 170 alunos, da educação infantil ao fundamental menor e maior, nos períodos da manhã e tarde. No período da manhã funciona da educação infantil ao 5º ano e no período da tarde funciona do 6 ao 9º ano multisseriado.

A estrutura física da escola é composta por 6 salas de aula , 2 banheiros,1 cozinha, 1 sala dos professores e um espaço para as crianças fazerem suas atividades físicas. A proposta da escola é oferecer um espaço educacional acolhedor, buscando a formação integral das crianças nesta escola, os professores estimulam os alunos a criar, refletir, produzir e construir saberes, tornando-se conscientes da sua importância na construção da sociedade. Segundo os relatos da diretora a escola tem como objetivo proporcionar as crianças um ambiente prazeroso onde eles possam desenvolver suas habilidades e potencialidades.

### 3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para que esta pesquisa fosse realizada participaram 21 alunos de uma turma de 8/9 ano multisseriado, e 7 professores que trabalham com os mesmos na E.M.E.F Martins Monteiro .

Vergara (2004) explica que a população amostral é uma parte do universo (população) escolhida segundo algum critério de representatividade, para tanto, existe dois tipos de amostra a probabilista, baseada em procedimentos estatísticos (subdivididos em aleatório simples, estratificada e a por conglomerado) e a não probabilista destacam-se as selecionadas por acessibilidades e por tipicidade.

Para manter o sigilo das informações coletadas, a partir de então codificar-se-á os entrevistados da seguinte forma: Os professores foram chamados P1, P2, P3, P4, P5, P6 e P7 e os alunos foram chamados A1 até o A21.

### 3.4 COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi feita com base em um questionário aplicado á 21 alunos da turma do 8/9 ano contendo dez questões e um outro aplicado a 7professores que trabalha com os mesmos contendo oito questões.

Boyd e Wetfall (1964) classificam o questionário pelos métodos de comunicação usados; entrevistas pessoais, por telefone ou pelo correio. O questionário é um conjunto de perguntas, que a pessoa lê e responde sem a presença de um entrevistador. Ele pode ser entregue pessoalmente, via correio, fax, internet etc.

Após o retorno dos questionários houve a verificação dos dados. Segundo Mattar (1996), a verificação consiste em analisar se o texto é compreensível e se o respondente seguiu de forma correta as instruções de preenchimento, e se existe coerência nas respostas.

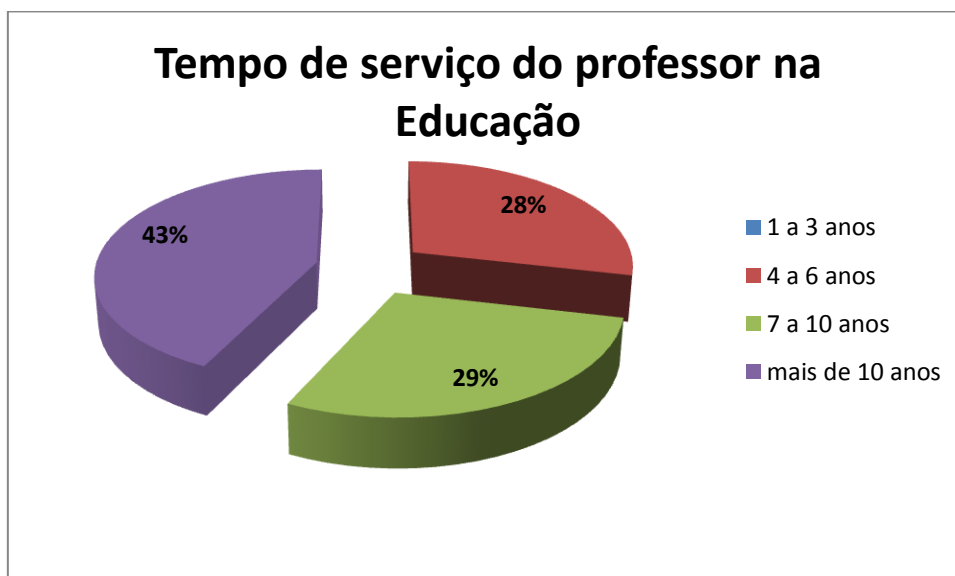
Após a verificação dos dados, estes foram contabilizados questão por questão para o desenvolvimento da análise dos resultados separados por categoria.

### 3.5 RESULTADOS E DISCUSÕES

#### 3.5.1 CATEGORIA PROFESSOR

Uma das perguntas do questionário dos professores se referia ao tempo de atuação no Magistério. De acordo com o gráfico 01 dado abaixo, se percebe que a grande maioria dos professores atua há mais de 10 anos na carreira do Magistério, correspondendo a 43% do total de entrevistados.

Gráfico 01 – Tempo de serviço do professor.



Fonte: Pesquisa realizada na E.M.E.F Martins Monteiro, 2017.

Sobre a importância do tempo de serviço Tardif e Raymond discorrem o seguinte:

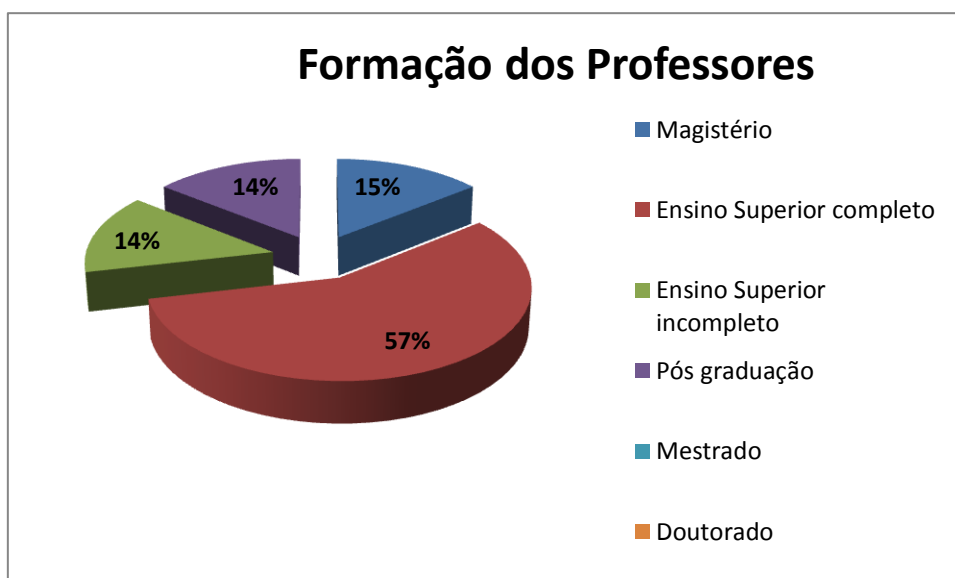
De fato, em toda ocupação, o tempo surge como um fator importante para compreender os saberes dos trabalhadores, na medida em que trabalhar remete a aprender a trabalhar, ou seja, a dominar progressivamente os saberes necessários à realização do trabalho (TARDIF; RAYMOND, 2000, P.210)

Sabe-se que o tempo de atuação em uma determinada área é de extrema importância para o sucesso da mesma, sobretudo quando se refere ao ensino, nesse sentido quanto maior a experiência mais fácil torna-se a solução de determinadas dificuldades que se apresentam no dia a dia.

Vale ressaltar que o saber da experiência de um professor começa a partir do seu ingresso na escola como aluno, passando pelo que vivencia no dia a dia fora da escola e no trabalho docente de sala de aula. Segundo Pimenta (2006, p. 20),

[...] os saberes da experiência são também aqueles que os professores produzem no seu cotidiano docente, num processo permanente de reflexão sobre sua prática, mediatizada pela de outrem – seus colegas de trabalho, os textos produzidos por outros educadores.

Gráfico 02 – Formação dos professores.



Fonte: Pesquisa realizada na E.M.E.F Martins Monteiro, 2017.

Quanto à formação dos professores em relação a sua qualificação profissional, observa-se no gráfico 02 que apenas 15% dos professores entrevistados ainda não possuem ensino superior enquanto que 14% já estão cursando, os demais já concluíram uma graduação e inclusive 14% deles já possuem especialização. Vale ressaltar que a Lei de Diretrizes e Bases da educação no Art 62 trata sobre a formação mínima para professores que trabalham na educação básica.

“A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal”. (Redação dada pela lei nº 13.415, de 2017)

Os professores foram indagados sobre qual a sua opiniões sobre a violência, segue na tabela abaixo as respostas dos mesmos:

Tabela 01 – Qual a sua opinião sobre violência?

<b>P1</b>	Violência é algo que causa muitos danos na vida do agressor e de quem recebe a agressão. São atos ofensivos e agressão.
<b>P2</b>	Ao falarmos sobre violência temos que nos perguntar aonde começa a violência? Podemos dizer que a violência muitas das vezes é executada na escola, mas originizada dentro de elo familiar.
<b>P3</b>	Violência são vários tipos: e acham que não levam a lugar nenhum.
<b>P4</b>	A violência cada vez que passa ela fica mas frequente nas escola, por isso o nosso governante brasileiro tem que olhar como muito carinho pra essa situação onde posa ter uma solução mas rapidamente.
<b>P5</b>	A violência e um dos maiores problemas na sociedade escolar na família. Precemos de um projeto humanitário pra mudar esta situação.
<b>P6</b>	Quando se fala em violência já estamos nos referindo na agressividade. Há vários tipos de violência, mas a violência não leva a nada, pessoas civilizadas não haje com violência, uma boa conversa pode resolver qualquer conflito.
<b>P7</b>	A violência nas escolas vem crescendo nos últimos anos não só corporal mas também verbal.

Fonte: Pesquisa realizada na E.M.E.F Martins Monteiro, 2017.

Observa-se nas respostas dos entrevistados que para alguns a definição do termo violência fica meio abstrato e acabam por não definir de fato, por outro lado para uns o termo violência está diretamente ligado a questões como agressividade e contato físico. Isso nos remete a ideia de que para muitos educadores a violência moral, patrimonial e psicológica dentre outras não é dada a devida importância sendo que as mesmas podem também causar danos irreversíveis para as vítimas como foi abordado no primeiro capítulo deste trabalho.

Os professores também foram perguntados quais os fatores que contribuem para que a violência seja um fato constante no ambiente escolar. Podemos verificar com base na tabela 2 a percepção que os professores têm sobre as causas dessa problemática tão comum na escola.

Tabela 02 – Quais os fatores que contribuem para a violência escolar?

<b>P1</b>	Um dos fatores que contribuem para que a violência seja constante na escola é o contexto social, pois alguns alunos convivem com essa violência no ambiente familiar e acaba repetindo na escola o que muitas vezes acontece em casa
<b>P2</b>	O fator mais comum é a aglomeração de pessoas em um único lugar no caso os “alunos” e nisso acontece um conflito de ideologias que as vezes não é concordada e acaba gerando algum tipo de violência verbal ou física.
<b>P3</b>	Um dos fatores são os próprios alunos que se acostumam com a violência que ocorre em casa e acham que podem continuar na escola.
<b>P4</b>	A desigualdade, o racismo, o respeito e o bullying isso é um dos fatores que contribui muito para violência nos ambientes escolar.
<b>P5</b>	Hoje em dia farias alguém vem da família do bairro em que moram em comunidade. E acaba refletindo no ambiente escola.
<b>P6</b>	Há vários fatores que contribuem para que haja violência no âmbito escolar, com ameaças, humilhação, desrespeito, agressões, entre outros.
<b>P7</b>	Os fatores que contribuem com as violências são as leis do país que tiraram os direitos dos pais e dos professores com isso as crianças e os jovens não tem punição.

Fonte: Pesquisa realizada na E.M.E.F Martins Monteiro, 2017.

Com base nas respostas dos professores relatados na tabela acima se percebe que um dos principais fatores que contribuem para a violência no ambiente escolar diz respeito aos tipos de violências que os alunos presenciaram no ambiente familiar e acabam por reproduzindo na escola é o que afirmam os professores P1,

P3 e P5 enquanto os demais professores afirmam a problemática da violência escolar dá-se em virtude de aglomeração de pessoas, do bullying e também a falta de leis que venham a combater violência. Sobre a influencia que a violência familiar traz para o ambiente escolar Lyra, Constantino e Ferreira (2010, p.152) afirmam o seguinte:

[...] a violência familiar é um problema que traz dificuldades ao cotidiano escolar, uma vez que a escola não está imune a seus reflexos e a suas consequências e também pode contribuir para aumentá-la quando reproduz desigualdades e formas de tratamento indevidas.

Outra questão se referia sobre qual era a perspectivas dos professores sobre a violência escolar e sobre isso a maioria afirma que depende de várias ações conjuntas, mas principalmente do governo no que tange a mudança das leis. Entre as respostas destacam-se as dos professores P2, P6 e P7:

Espero que diminua a violência na escola e para que isso aconteça temos que trabalhar muito a união e buscar métodos que proporcionarão uma melhor convivência entre os alunos. (**Professor P1**)

Se não tivermos uma conscientização familiar e sérias mudanças no estatuto da criança e do adolescente, as perspectivas possíveis serão ver a violência crescendo tanto no meio escolar como também no meio social pois a própria lei patrocina essas perspectivas. (**Professor P2**)

Acredito que com a conscientização dos alunos e da sociedade em geral, venha a diminuir. (**Professor P3**)

Que os governantes brasileiros possa contribuir com seguranças frequentemente nas escolas. (**Professor P4**)

É que as pessoas sejam mas humanas uma com as outras. (**Professor P5**)

Na minha perspectiva se os governantes não criarem leis e fazer cumprir o bastante, para acabar com a violência, ou pelo menos amenizar, de forma alguma poderemos viver em uma sociedade sem violência. (**Professor P6**)

Espero que os nossos representantes refritem sobre isso e mude as leis do pais para que aja um controle a respeito a violência. (**Professor P7**)

Tendo como base os dispositivos constitucionais que tratam da educação tanto o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90) quanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/96) trazem a fórmula mais adequada para o combate à violência nas escolas: o envolvimento dos alunos, de suas famílias e da comunidade, com sua integração cada vez maior ao ambiente escolar e participação efetiva no debate acerca dos problemas relacionados à escola e em sua solução.

A tabela 3 mostra a opinião dos professores no que se refere a sua atitude ao presenciar um ato de violência:

Tabela 03 – Qual foi a sua atitude ao presenciar um ato de violência?

<b>P1</b>	Conversei com os indivíduos que estavam provocando o ato, dizendo-lhes que essa atitude não irá resolver nada. E que pessoas educadas resolve as indiferenças é conversando.
<b>P2</b>	A melhor atitude é a da conscientização e do dialogo, pois pode ser uma reação de alguém que sofreu algum tipo de preconceito e reagiu de uma forma violenta ou vice versa, e tentar agir da melhor forma possível dando aos envolvidos o direito de defesa.
<b>P3</b>	Tentei conscientizar ambas as partes que violência não resolve nada.
<b>P4</b>	É muito difícil presenciar um ato de violência na escola, porque no momento as pessoas fica sem reação de tomar alguma atitude.
<b>P5</b>	De fracasso em o ser humano tão enracional com tanta agrecividade.
<b>P6</b>	Não tive nenhuma atitude diante da situação.
<b>P7</b>	Separei as pessoas e aconselhei mostrando que a violência não é um bom caminho para quem quer viver em um boa sociedade.

Fonte: Pesquisa realizada na E.M.E.F Martins Monteiro, 2017.

Percebe-se que apesar de ainda não haver nenhum tipo de políticas de formação para os profissionais em educação no que tange o combate a violência escolar os professores tentam fazer o seu melhor quando presenciam qualquer ato de violência como, por exemplo, conversar com as partes e tentar um entendimento entre eles através do diálogo. Entretanto isso ainda está aquém do que deve ser feito para diminuir os índices de violência na escola. O promotor Murilo José Diácono do ministério público do Estado do Paraná integrante do Centro de Apoio Operacional das Promotorias da Criança e do Adolescente afirma sobre o combate a

violência escolar é preciso uma série de ações por parte da escola dentre elas destacam-se as seguintes:

“A partir de então, diretores, educadores, pais, alunos e pessoas outras da comunidade interessadas, reunidos num conselho escolar representativo e atuante, poderão discutir abertamente sobre o problema da violência infanto-juvenil dentro e fora da escola, enfrentando-a em suas origens, e não apenas criando mecanismos de defesa paliativos que pouco ou nenhum efeito positivo surtirão”.

Os entrevistados também foram questionados a apontar possíveis soluções para tentar combater a violência dentro do ambiente escolar. De acordo com as respostas a solução mais apontada pelos professores é trabalhar sobre o tema através de palestras ou projetos. Segue alguns relatos abaixo:

Palestras sobre a violência. (**Professor P1**)

Projetos no qual possam mostrar aos alunos que a união faz a força. (**Professor P3**)

Uma possível solução no meu ponto de vista é criar um projeto de violência na escola para desenvolver no ambiente escolar. (**Professor P4**)

Com a presença dos pais nas escolas, visitas e palestra do concelho tutelar e demais autoridades. (**Professor P7**)

Os relatos desses professores concordam com a opinião de Gonçalves e Sposito (2001) quando afirmam que um elemento que tem contribuído no combate a violência em ambiente escolar é o conjunto de percepções que mobiliza educadores a inscrever suas escolas ou mobilizarem seus alunos para participar de projetos de redução da violência. Esses educadores podem estar movidos por uma sensibilidade ao conjunto não desprezível de dificuldades que os jovens e adolescentes enfrentam na sua experiência de vida.

Para finalizar os professores opinaram sobre de que forma a violência pode interferir na aprendizagem:

Tabela 04 – De que forma a violência interfere na aprendizagem?

<b>P1</b>	Prejudica muito, pois afeta o psicológico e uma vez que o aluno está sofrendo a agressão se sentindo humilhado ele não conseguirá se concentrar nas aulas.
<b>P2</b>	A violência em si trás o desrespeito e a perda do foco. Mas a violência não é o maior vilão sobre a aprendizagem, é apenas um fator. Nós pais nossa sociedade e o nosso próprio sistema educacional que não consegue alcançar as metas e quem paga o pato são os próprios professores que são obrigados agir de acordo com o sistema proposto.
<b>P3</b>	De todas as formas, a violência afasta o aluno do ensino-aprendizagem.
<b>P4</b>	A violência é um ato muito complexo, por isso ela interfere na aprendizagem tanto dentro e fora do ambiente escolar.
<b>P5</b>	Em todos os fatores e acaba prejudicando não só a escola com um todo.
<b>P6</b>	A violência interfere bastante no aprendizado do educando, causando traumas que provoca grandes prejuízos no rendimento escolar.
<b>P7</b>	Aquele que sofre a violência perde o interesse pelo estudo se sente inferior as demais pessoas.

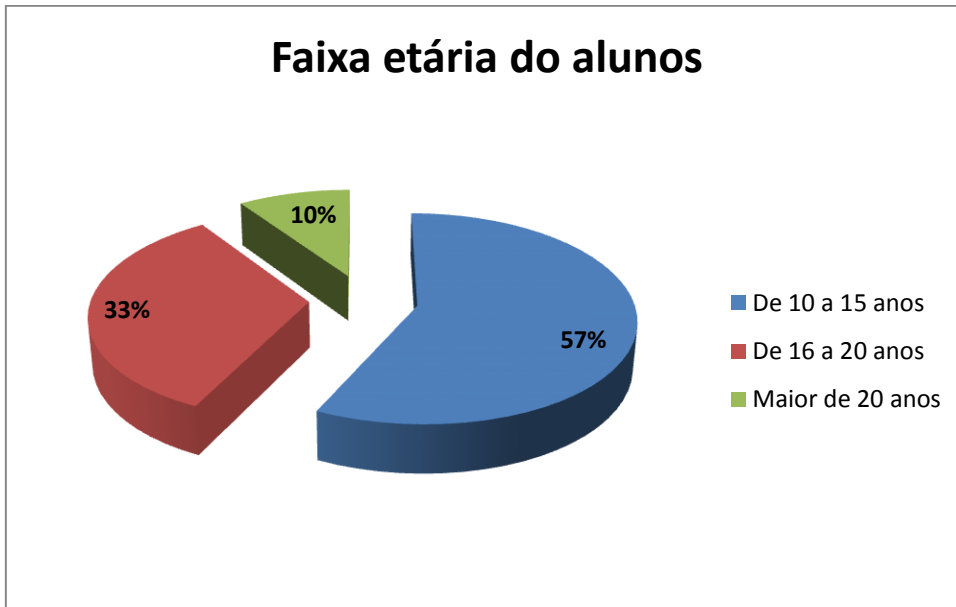
Fonte: Pesquisa realizada na E.M.E.F Martins Monteiro, 2017.

Observa-se nos relatos dos professores que a violência no ambiente escolar interfere diretamente o processo ensino aprendizagem, pois segundo eles a violência afeta o aluno psicologicamente, causa perda de foco, além de interferir no seu comportamento dentro e fora da escola. Diante disso percebe-se que os profissionais da educação precisam ficar atentos ao comportamento dos alunos afim de identificar se estão sendo vítimas de violência doméstica, pois é pouco provável que a criança relate sobre o que vem sofrendo em casa.

Quando conversamos com a família sobre o tema violência doméstica, várias podem ser as reações. Muitas omitem ou mentem sobre as formas como tratam os filhos; outras justificam os maus-tratos e abusos em nome da educação. Para escolar Lyra, Constantino e Ferreira (2010) Os estudantes, caso sejam reconhecidos pelos professores como vítimas de violência, devem ser instados a relatar o que vivenciam. A partir daí, cabe à escola propiciar um ambiente protetor com escuta acolhedora e compreensiva.

### 3.5.2 CATEGORIA ALUNOS

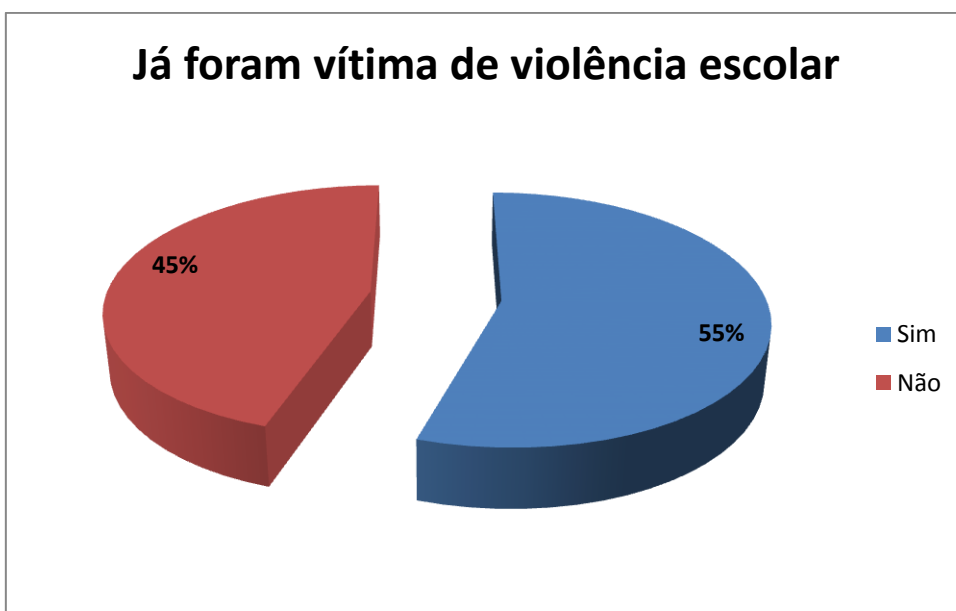
Gráfico 03 – Faixa etária dos alunos



Fonte: Pesquisa realizada na E.M.E.F Martins Monteiro, 2017.

Os alunos participantes da pesquisa, de acordo com o gráfico 03 a grande maioria tem entre 10 e 15 anos o que correspondem a 57% dos, enquanto que 33% destes alunos têm entre 16 e 20 anos e os demais 10% são maiores de 20 anos de idade. Percebe-se então que os participantes desta pesquisa pertencem às categorias de adolescentes e jovens, mas que também possui alunos que são maiores de idade.

Gráfico 04 – Já foram vítima de violência escolar



Fonte: Pesquisa realizada na E.M.E.F Martins Monteiro, 2017.

Observe no gráfico acima onde os alunos foram perguntados se já foram vítima de algum tipo de violência na escola dos quais 55% responderam que já sofreram sim com a violência escolar e 45% dos entrevistados responderam negativamente a esta pergunta.

O gráfico 04 apresenta quais os tipos de violências em que os alunos foram vítimas, dentre estas se destacam violência física, violência moral e violência psicológica. Veja abaixo os dados:

Gráfico 05 – Tipos de violência que já sofreram na escola



Fonte: Pesquisa realizada na E.M.E.F Martins Monteiro, 2017.

Estes dados acima comprovam em parte a fala de **Abramovay** (2009), quando afirma que a violência nas escolas é um problema gerado dentro do próprio ambiente escolar como Insultos, discriminação, ciberviolência, agressões físicas e até homicídios são situações cada vez mais comuns no dia a dia de alunos e professores.

Sobre esta temática o Diante da comprovação de que houve é preciso entender que tanto o agressor como a vítima de violência acabam sofrendo. Portanto, necessitam ser escutados, atendidos e tratados. Segundo José Maria Avilés, psicólogo, especialista e estudioso no tema “violência escolar”, assegura que 6% dos alunos são vítimas deste fenômeno. Mas adverte que é preciso tratar o agressor com prudência e não ver fantasmas onde não existem.

“A agressão escolar não é um problema novo nem isolado, e que o primeiro que tem que fazer nestes casos é identificar a vítima e o agressor. E ter a consciência de que ambos sofrem, e portanto, necessitam ser atendidos e tratados”. (Avilés, 2016)

Os alunos também foram perguntados se já sofreram algum tipo de violência em casa e semelhantemente a pergunta sobre sofrer violência na escola os mesmos 55% responderam afirmativamente a pergunta e o restante afirmaram que não foram vítimas de violência em seus lares. Verificou-se que dos alunos que já foram vítima de violência em casa 73% deles sofreram com a violência física, 18% com violência moral e 9% com violência psicológica.

Para Souza (2008), independentemente de seus tipos ou formas, atos de violência comprometem as relações sociais dos indivíduos que a sofrem e, particularmente, o desenvolvimento psicológico e emocional da criança, deixando sequelas, afetando nas brincadeiras, no desenvolvimento escolar e no dia-a-dia. Enfim, a criança que sofre algum tipo de violência, não tem um bom desempenho em suas atividades escolares e sociais.

A tabela a seguir mostra o relato de alguns alunos sobre quais foram suas atitudes quando foram vítimas de violência escolar:

Tabela 05 – Qual foi a sua atitude quando sofreu violência na escolar?

<b>A1</b>	Chorei...Mas foi muito tempo atrás, só sei que é muito rui sofrer violência mas logo passou pedimos perdão e todo ficou bom. Nunca mais sofri violência
<b>A2</b>	foi um colega que ne chego de filho da puta eu bati na nele.
<b>A3</b>	Eu chorei muito, depois eu fui até a diretoria.
<b>A4</b>	Minha atitude foi fique muita com raiva da pessoa
<b>A5</b>	Eu não fiz nada não falei nada nao fis nada contra então quando eles pesebeu que eu me enportava ele paro
<b>A6</b>	Foi comunicar a diretoria
<b>A7</b>	Só fiquei calada
<b>A8</b>	Primeiramente eu chorei, e depois eu fui até a coordenação
<b>A9</b>	Nenhua eu nunca sofri fiolencia na escola

<b>A10</b>	Eu nunca sofri violência na escola.
<b>A11</b>	Eu nunca sofri violência na escola mais se de algum dia acontece isso eu denunciarei
<b>A12</b>	Uma das coisas mais que eu pensava quando eu comecei a estudar, uma das coisas que eu mais temer aconteceu, meu ato foi só ficar zangado, ficar calado etc...
<b>A13</b>	Eu não para essa que eles ficou falado
<b>A14</b>	Eu nunca sofre violência na escola mais se isso algum dia acontecer eu acho que denunciaria isso
<b>A15</b>	Que eu me lembro não sofri nenhuma violência na escola
<b>A16</b>	Eu simplesmente fiquei calada e não fiz nada
<b>A17</b>	Chamei minha vó e fomos na secretaria e conversamos.
<b>A18</b>	Quando eu sofri a violência na escola eu fiquei muito maguado eu tinha uma atitude de para de estudar.
<b>A19</b>	Fiquei chateada, comecei entrar em um processo de depressão (não foi adiante) passei um bom tempo muito triste tive vontade de parar de estudar, comecei me isolar dentro de casa.
<b>A20</b>	Eu nunca sofri de uma violência
<b>A21</b>	Denunciei ao diretor.

Fonte: Pesquisa realizada na E.M.E.F Martins Monteiro, 2017.

Percebe-se que a muitas das vítimas de violência escolar preferem ficar caladas diante da situação apesar do relato de alguns dizerem que ficaram bastante chateados ou com raiva, no entanto isso não os fez denunciar o agressor. Por outro lado outros alunos tomaram uma atitude diferente que na maioria das vezes foi de comunicar alguém da direção da escola. Diante disso veremos na tabela 06 a seguir mostra quais foram as atitudes que a escola tomou ao ser comunicada sobre a ocorrência de violência escolar:

Tabela 06 – Providências tomada pela escola sobre a ocorrência de violência escolar.

<b>A1</b>	Quando eu sofri violência, estava dentro da sala de aula minha professora conversou com ele e depois ó espusou da sala de aula.
<b>A2</b>	Eu não comuniquei a diretoria foi na horada educasão física ele memos ressurveu.
<b>A3</b>	Quando cheguei a diretoria a cordenadora me deu suspensão e comunicou meus pais
<b>A4</b>	deu divertencia
<b>A5</b>	Nem uma.
<b>A6</b>	foi chamar os pais e comunica a eles do seu filho teria feito com o colega
<b>A7</b>	Deu uma suspenção para mim e para o outro, e chamou nossos pais.
<b>A8</b>	Deu uma suspenção para mim e para o outro, e chamou os nossos pais.
<b>A9</b>	convesa com aluno ou com seu pai ou espusa o aluno pra fora da escola
<b>A10</b>	Bom eu nunca sofrie, mais quando um colega meu sofria violência a diretora ponia o aluno que praticou a violência etc.
<b>A11</b>	O diretor chamou nois para cecretaria e falou umas coisas la etc.
<b>A12</b>	No meu caso os professores puniram o aluno que cometia a violência com os alunos, por um lado a gente fica aliviado mais sabemos que isso nunca acaba, sempre vai ter pessoas que te critica e que vai fala de nós.
<b>A13</b>	a Escola não fois nada não mais Eu nau ligo
<b>A14</b>	Nenhuma
<b>A15</b>	Sem resposta
<b>A16</b>	Sem resposta
<b>A17</b>	Não feis nada deichor queto
<b>A18</b>	A providencia que o condenador tomar foi de espussa os alunos e chamar os pais para conversar, sobre que nós fizemos.
<b>A19</b>	A direção da escola resolveu uma parte do problema. A outra parte foi resolvida em casa.
<b>A20</b>	eu acho que as podi na escola pareci de violência na escola
<b>A21</b>	Tomou as medidas cabíveis levando o individuo a receber o seu castigo.

Fonte: Pesquisa realizada na E.M.E.F Martins Monteiro, 2017.

De acordo com os relatos dos alunos percebe-se que quando não há uma omissão da escola em tomar uma atitude o que a mesma faz é se limitar a tratar de forma punitiva suspendendo o aluno e informando os pais sobre o ocorrido esperando que os mesmo resolva a problemática que a escola tem o papel de tratar e não toma nenhuma atitude educativa no intuito de trabalhar as relações interpessoais, o respeito, bem como o amor ao próximo. Porém é preciso que seja um trabalho coletivo que envolva não somente a direção, mas toda a comunidade escolar. Digiácomo (2017) fala sobre o papel da escola diante de ações de combate a violência:

“Em suma, longe de assumir a cômoda, porém inadequada postura de pura e simplesmente reprimir a violência dentro de seus muros, pouco se importando como o que ocorre no mundo lá fora, deve a escola ter a coragem de enfrentar o problema em toda sua amplitude e preparar seus alunos para o convívio em sociedade, respeitando-os e fazendo-os respeitar as leis e o próximo, o que se dará através da mudança da mentalidade e da forma de agir acima de tudo de diretores e educadores, que para tanto deverão contar com a obrigatória e permanente participação dos pais dos educandos e da comunidade local”. (Ministério Público do Paraná, 2017)

Constatou-se que 75% dos alunos entrevistados já presenciaram algum tipo de violência na escola e 55% deles já praticaram algum tipo de violência contra o colega de escola. Importante frisar que destes que responderam afirmativamente sobre praticar violência contra o colega 90% são os mesmo que já sofreram violência em casa. Esses dados acabam por confirmar uma frase de Augusto Cury onde afirma que “violência gera violência”.

Na tabela 07 estão os relatos de alguns alunos sobre o que eles pensam que deveria ser feito na escola para combater a violência escolar:

Tabela 07 – Opinião dos alunos sobre o que fazer para combater a violência escolar.

<b>A1</b>	Primeiramente depende do aluno, mas a escola precisa ter autoridade sobre os alunos e também presta atenção na sala de aula, aprender a ouvir os alunos, a respeitar também. Ter uma boa lei uma boa autoridade e uma boa diretora que saber exigir conversa com os alunos, com os pais dos alunos.
<b>A2</b>	As punição sego mais rundu assim menus colega ia buli com os outros. Mais hara das agreção física pacurava os setos e punia o erradas
<b>A3</b>	Deveria ter menos bulling na escola, que avesse mais participação dos pais na Escola e etc...

<b>A4</b>	Preciza ser feito que o condenado tem que tem altorida sobre os alunos para não tem violência na Escola
<b>A5</b>	A os professores tem que bota mais orde e quando um aluno questiona o diretor tem que conversar com o aluno que pratica a violencia pra que ele possa para de pratica violência e se continua e obrigado a espussar p aluno.
<b>A6</b>	Seria ensinar aos alunos respeita um ao outros.
<b>A7</b>	Deveria ter mais orientação psicológica, porque muita das vezes, o aluno sofre presao de outros colegas e isso pode vim fazer com que ele venha a ter um susto psicológico.
<b>A8</b>	Para combater a violência escolar e não deveria ocorrer bullying, porque isso deva aos que sofrem discriminação revotarem e parte para a violencia. Porem o bullying já uma violência. Deveria ter mais orientação psicológica, porque muita das vezes, o aluno sofre pressão de outros colegas e isso pode vim fazer com que ele venha a ter susto psicológico.
<b>A9</b>	Devi proibi a as brigas de alunos dentro da escola ou uma revita no alunos na porta pra ve si tão trazendo facas ou outo objeto ou uma cantija se fe algum aluno com preconceito com outro
<b>A10</b>	Á se todo mundo se respeitasse não daria violência. Eu acho que todos não deveria Respeita uns os outro só assim todos nós viveria em harmonia e paz. Por que na escola não lugar de violência é lugar de estudar. Muitos alunos vam para escola para pratica violência não querem nada da vida.
<b>A11</b>	Que eles Recorre a justiça
<b>A12</b>	Eu penso que o respeito uns aos outros seria um dos primeiros atós dos alunos com os professores, dos professores com os alunos, dos pais com os filhos, dos filhos com os pais ser educado, gentiu, humilde etc...
<b>A13</b>	Eu deveria ter um vigia na Escolapara nau ter prega mais a queli aluno que pratigase vilencia deveria se Espusso pelo 1 semana para ele não mais pratiqa violência mais não.
<b>A14</b>	Recorrer a justiça
<b>A15</b>	Deveriam colocar profissionais capacitados para a função de combater a violencia escolar, colocar o bastante para que a violencia não continui com frequência nas escolas e também, si existir respeito não haverá nenhuma violencia escolar, mas infelizmente não a, então a ultima forma é vigiar.
<b>A16</b>	Bom, eu acho que só deveria haver respeito entre os colegas.
<b>A17</b>	Os diretores da escola tem que ser mais competente com os alunos
<b>A18</b>	Para mim nos tem que respeitar todos os professores, e os alunos
<b>A19</b>	Violência na escola não é exatamente na escola, as vezes vem de questões pessoais que por um motivo ou outro são enseridas no ambiente escolar. As vezes também acontece por conta das opiniões diferentes sobre cada assunto a ser tratado na escola. O melhor a se fazer é manter cada opinião pra si mesmo porque cada um pensa de um modo diferente Assuntos particulares não devem ser discutidos na escola.

<b>A20</b>	eu acho que a direção podide que para a violência na escola por que a violência e o colega para de VIOLENCIA acabaci a VIOLENCIA ma escola
<b>A21</b>	Respeitar uns aos outros e aceitar as pessoas como elas são. Sem pre conceito e sem o racismo.

Fonte: Pesquisa realizada na E.M.E.F Martins Monteiro, 2017.

Percebe-se que os alunos entendem que a violência escolar é um problema sério e que precisa ser combatido, segunda a maioria dos relatos acima vemos que há uma necessidade de se trabalhar as relações interpessoais principalmente o respeito mútuo. A sugestão de grande parte dos alunos é que se faça um trabalho sensibilização entre professores, alunos e direção e que os pais também estejam envolvidos nesse projeto.

Não podemos tratar a violência somente através da punição é preciso conhecer a realidade do aluno, o meio em que vive e a que tipo de situações ele presencia na sua família, para isso é preciso um trabalho minucioso o que inclui estudo de casos e visitas as famílias dos mesmos. No entanto sabemos também que a realidade das escolas brasileiras não estão preparadas para combater esse mal e para tanto é preciso fazer parcerias que envolvam órgãos de segurança como conselho tutelar, juizado da infância, vara criminal e toda a comunidade escolar. O processo prevenção e de combate à violência escolar pode até parecer demorado, mas é preciso, pois como já vimos interfere diretamente no processo ensino aprendizagem dos alunos.

A partir do momento que a escola deixe de ser um ambiente de repressão e finalmente assuma o perfil idealizado pelo legislador constitucional e ordinário, tornando-se uma entidade aberta à comunidade e voltada à formação da pessoa e do cidadão, e que o município, através de uma política elaborada pelo Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, passe a estimular e a dar suporte às iniciativas nesse sentido tomadas pela comunidade escolar, sem perder de vista a necessidade de disponibilizar medidas (notadamente as previstas nos arts.101, 112, incisos III e IV e 129 da Lei nº 8.069/90) que poderão ser aplicadas pela autoridade competente às crianças, adolescentes e famílias que delas necessitem. Assim estará caminhando a passos largos rumo à solução do problema, sem que para tanto tenham de ser sequer arranhados quaisquer dos direitos

fundamentais das crianças e adolescentes, que tanto têm sofrido com toda espécie de violência nas escolas e fora delas, muitas vezes praticada justamente por aqueles que têm a missão legal e constitucional de impedir sua ocorrência.

### 3.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar de violência é um tema questionador, pois envolve a vida, a segurança de um ser, sendo que este próprio ser, muitas vezes, é o próprio instrumento de agressividade. Porém, mediante a esta complexidade é imprescindível abordar o tema Violência Escolar, pois assim, a visão será ampliada de maneira a encontrar medidas que solucionem ou pelo menos conquiste uma considerável diminuição desta problemática no âmbito escolar e que possa contribuir significativamente para a sociedade em que vivemos.

Verificou-se através desta pesquisa que os profissionais que trabalham na Escola Municipal de Ensino Fundamental Martins além de conviverem com a problemática da violência escolar, os mesmos possuem pouca experiência no que tange ao combate da mesma, ainda que boa parte destes professores já atue há mais de 10 anos na área da educação.

Um ponto positivo verificado foi que apesar da dificuldade e do pouco conhecimento sobre como tratar ou trabalhar com aluno agressor ou vítima de violência escolar não há uma inércia destes profissionais, pois abordam maneiras de que possibilitem resolver a situação e encontrar soluções para o problema em questão. Contudo, isso não exime a responsabilidade dos professores e da escola de procurar métodos que facilitem solucionar ou amenizar os efeitos latentes descritos pelos alunos. Fato este observado em que a maioria dos alunos entrevistados já foi vítima de algum tipo de violência no ambiente escolar.

Constatou-se que os professores compreendem que este tema é relevante e carece de uma maior atenção não só com abordagens em sala de aula, mas também com enfoque em uma sensibilização às famílias dos alunos. No entanto, para se concretizar tal objetivo, faz-se necessário várias ações conjuntas, mas principalmente do governo no que tange ao amparo das leis.

Verificou-se também que além de serem vítimas de violência escolar alguns alunos também são vítimas de violência familiar e que a maioria destes acabam reproduzindo a violência que sofre dos familiares na escola.

Assim, avaliando os resultados deste trabalho, conclui-se que há um grande caminho a ser percorrido para garantir a segurança nas escolas e consequentemente a diminuição da violência nestes ambientes. Contudo, para que

isso ocorra de maneira satisfatória de forma a contribuir num considerável avanço no aprendizado faz-se necessário acionar medidas que visem combater a violência escolar, pois não cabe somente à escola, mas também devem ser envolvidos toda a comunidade escolar e órgãos de segurança como Conselho tutelar, Vara da Infância e da Juventude, Ministério Público, entre outros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Violências nas escolas**/Miriam Abramovay et al. Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

AVILÉS, José Maria. **O agressor e a vítima da violência escolar**. Guia Infantil.com. São Paulo, 2017. Disponível em [www.guiainfantil.com.br](http://www.guiainfantil.com.br) . Acesso em 29 de dezembro de 2017.

AZEVEDO, Maria Amélia. **Violência física contra a mulher**: dimensão possível da condição feminina, braço forte do machismo, face oculta da família patriarcal ou efeito perverso da educação diferenciada? In: \_\_\_\_\_. **Mulheres espancadas**: a violência denunciada. São Paulo: Cortez, 1985. p. 45-75

\_\_\_\_\_. M. A. (org). **Infância e violência doméstica**: fronteiras do conhecimento. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

Ballone GJ, Ortolani IV. Violência doméstica. PsiqWeb. Disponível em: URL: <http://www.psiqweb.med.br/infantil/violdome.htm>. Acesso em 07 de junho de 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Violência intrafamiliar**: orientações para prática em serviço. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BLAYA, Catherine. A paz está na mão da escola. Nova Escola, São Paulo, nº 165, set. 2003. Entrevista concedida a Paola Gentile. Disponível em: [http://novaescola.abril.com.br/index.htm?ed/165\\_set03/html/falamestre](http://novaescola.abril.com.br/index.htm?ed/165_set03/html/falamestre). Acesso em 09 de junho de 2017.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. *Secretaria de Vigilância em Saúde*. Departamento de Análise de Situação de Saúde. Viva: vigilância de violências e acidentes, 2006 e 2007. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

\_\_\_\_\_. Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha). Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2\\_004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2_004-2006/2006/lei/l11340.htm). Acesso em 24 de fevereiro de 2017.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde; FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Assédio moral e sexual no trabalho: prevenção e enfrentamento na Fiocruz**. 2014. Disponível em: <[http://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/cartilha\\_assedio\\_moral\\_fiocruz.pdf](http://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/cartilha_assedio_moral_fiocruz.pdf)>. Acesso em 23 de fevereiro de 2017.

CARDIA, Nancy. **A violência urbana e a escola**. In: **Contemporaneidade e Educação: Revista Semestral de Ciências Sociais e Educação**. Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada (IEC). Ano II, no 02, 1997. Rio de Janeiro.

DIGIÁCOMO, Murillo José. Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado do Paraná, integrante do Centro de Apoio Operacional das Promotorias da Criança e do Adolescente. Ministério Público do Paraná, 2016. Disponível em: <<http://www.ministeriopublico.mppr.mp.br>>. Acesso em 19 de fevereiro de 2018.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

FONSECA, Paula Martinez da; LUCAS, Taiane Nascimento Souza. **Violência doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas**. 2006. 21 f. Monografia (Curso de Graduação em Psicologia). Salvador/BA: Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, 2006. Disponível em: <http://newpsi.bvpsi.org.br/tcc/152.pdf>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2017.

FREITAS, M. E.; HELOANI, R.; BARRETO, M. **Assédio moral no trabalho**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

GONÇALVES, Luiz A. Oliveira; SPOSITO, Marília Pontes. **Iniciativas Públicas de Redução da Violência Escolar no Brasil**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/in115/a04n115.pdf>>. Acesso em: 09 de junho de 2017.

HIRIGOYEN, M-F. **Assédio moral: a violência perversa no cotidiano**. Rio de Janeiro:

Bertrand Brasil, 2002.

GUIMARÃES, Áures Maria. **A dinâmica da violência escolar: Conflito e ambiguidade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

IANNI, Octávio. **Violence in contemporary society**. Estudos de Sociologia, Araraquara, n.12, p. 7-28, 2002.

JUNIOR, Pedro Arruda. ALIANE Sirlene. **Violência: uma visão contemporânea**. Juiz de Fora: UFJF, 2010.

KRUG, E. G. et al. Lozano R. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Geneva: World Health Organization, 2002.

LARCHER, Luís M. (coord) BRANCO, Paula, **A violência sobre crianças**, 2012, pp. 65, Edições Arcádia. (ISBN: 978-989-28-0068-4)

LYRA, GFD., CONSTANTINO, P., and FERREIRA, AL. **Quando a violência familiar chega até a escola**. In: ASSIS, SG., CONSTANTINO, P., and AVANCI, JQ., orgs. Impactos da violência na escola: um diálogo com professores [online]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010, pp. 147-175. ISBN 978-85-7541-330-2. Available from SciELO Books .

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R. **Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva**. Hist. cienc. saude-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 4, n.3, p. 513-531, nov. 1997.

NEVES, A. S. **A violência física de pais e mães conta filhos: cenário, história e subjetividade**. 2004. 26 f. Dissertação (Doutorado em Psicologia). Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, São Paulo, 2004.

OMS (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE). Relatórios diversos, 1998.

PASSOS, Elizete Silva. **Palcos e platéias: as representações de gênero na Faculdade de Filosofia**. Salvador: UFBA; Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1999.

PINHEIRO PS. World report on violence against children. Geneva: United Nations; 2006.

- PIMENTA, Selma Garrido. **Professor reflexivo: construindo uma crítica.** In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito.** 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- ROCHA, Z. Paixão, **Violência e solidão: o drama de Abelardo e Heloísa no contexto cultural do século XII.** Recife: UFPE, 1996. p. 10.
- RODRIGUES, Leila Oliveira. **Violência escolar e formação de professores [manuscrito]: estudo em escola pública de Goiânia / Leila Oliveira Rodrigues.** - 2011.
- ROYER, Égide. A violência escolar e as políticas da formação de professores. In: DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine (Orgs.). **Violência nas escolas e políticas públicas.** Brasília:UNESCO, 2002. p. 251-266.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. **No fio da navalha: violência contra crianças e adolescentes no Brasil atual.** In: MADEIRA, Felícia Reicher. Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.
- SANTOS, J. V. T. **A violência como dispositivo de excesso de poder.** Soc. estado, Brasília, v. 10, n. 2, p. 281-298, 1996.
- SILVA, Marlise Vinagre. **Violência contra a mulher: quem mete a colher?** São Paulo: Cortez, 1992. p. 52-104.
- SOUSA, Mirian Rodrigues de. **Violência nas escolas: causas e consequências.** Aparecida de Goiânia: ISE, 2008. P, 128.
- TARDIF, Maurice. RAYMOND, Danielle. **Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério.** Educação & Sociedade, ano.21, n.209, p. 209-244, dez 2000. Disponível em <[www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4214.pdf](http://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4214.pdf)>. Acesso em 24/11/2017.
- THOMAZ, Sueli Barbosa. **A violência no dia-a-dia da escola fundamental.** In: TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez; PORTO, Maria do Rosário Silveira. Imaginário do medo e cultura da violência na escola. Niterói: Intertexto, 2004.
- VIANNA, Francisco José de Oliveira. **Populações Meridionais do Brasil e Instituições Políticas Brasileiras.** 1ª edição num único volume. Brasília: Câmara dos Deputados, 1983. Biblioteca do Pensamento Político Republicano.

## ANEXOS

**QUESTIONÁRIOS AOS PROFESSORES**

Nome \_\_\_\_\_ Idade \_\_\_\_\_

1. Qual o tempo de serviço como professor (a)?

- 1 a 3 anos;
- 4 a 6 anos;
- 7 a 10 anos;
- mais de 10 anos.

2. Qual sua formação?

- Magistério;
- Ensino superior completo;
- Ensino superior incompleto;
- Pós graduação;
- Mestrado;
- Doutorado.

3. Dê sua opinião sobre violência?

---

---

---

---

---

---

---

---

4. Quais os principais fatores que contribuem para que a violência seja um fato constante no ambiente escolar?

---

---

---

---

---

---

---

---

5. Quais as suas perspectivas sobre a violência?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

6. Qual a foi sua atitude ao presenciar um ato de violência?

---

---

---

---

---

---

7. Quais seriam as possíveis soluções para tentar combater a violência dentro do ambiente escolar?

---

---

---

---

---

---

---

8. Em sua opinião de que forma a violência interfere na aprendizagem?

---

---

---

---

---

---

---

### QUESTIONÁRIOS AOS ALUNOS

idade\_\_\_\_\_

Série\_\_\_\_\_

1. O que é violência para você?

---

---

---

---

---

---

---

2. Você já foi vítima de algum tipo de violência na escola?

( ) sim ( ) não

3. Qual o tipo de violência você já sofreu na escola?

( ) violência física ( ) violência moral ( ) violência psicológica ( ) outra, qual ? \_\_\_\_\_

4. Você já sofreu algum tipo de violência em sua casa?

( ) sim ( ) não

5. Qual tipo de violência você já sofreu em casa?

( ) violência física ( ) violência moral ( ) violência psicológica ( ) outra, qual ? \_\_\_\_\_

6. Qual foi a sua atitude quando sofreu violência na escola?

---

---

---

---

---

---

---

7. Quais as providências que a escola tomou ao ser comunicada sobre a ocorrência de violência escolar?

---

---

---

---

---

---

---

8. Você já presenciou algum tipo de violência na escola?

( ) sim ( ) não

9. Você já praticou algum tipo de violência contra algum colega?

( ) sim ( ) não

10. O que você pensa que deveria ser feito na escola, para combater a violência escolar?

---

---

---

---

---

---

---